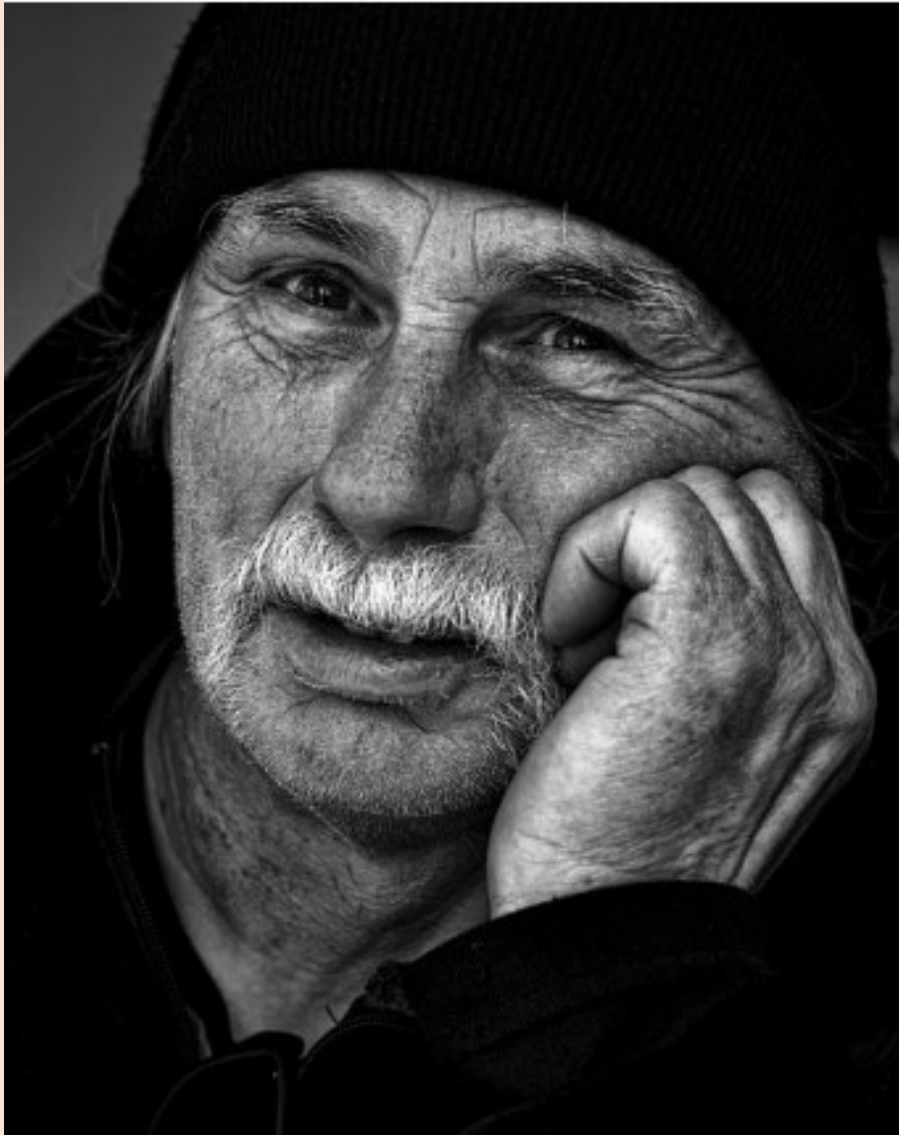


“Sementes”



Autor: Hermes Espindola Júnior

"Histórias do Tico-Tico"

No entardecer ouvesse o canto do Tico-Tico.

Quem ouve, a esta hora, acaba achando triste, melancólico.

Mas quem, calejado dessas vastidões de matas rios morros pastos e montanhas, sabe que essas impressões de tristezas e melancólicas são sentimentos circunstanciais, volúveis, ocasionais.

Nas tardes frias dos invernos do Sul do Brasil ou ainda, nas manhãs ensolaradas, com céu muito azul e sol brilhante, o canto do Tico-Tico resplandece como grito escandaloso de alegria e encantamento...

Todá gente nada e criada por este mundo de espaços infinitos, sabe, como desde cedo soube, que o que verdadeiramente constrói a beleza e alegria do viver no sertão, um dos fortes motivos entre tantos outros, é a algazarra dá passarada nos amanheceram do sertão.

A algazarra é grande, e de tudo se ouve: o canto do Tico-Tico, o Sabia Laranjeira, a Pombinha-Rola, Sairás e Sanhaços.

Depois do alvorecer festivo como que por encanto, desaparecem os pássaros.

Vão se empenhar, à guisa de humanos, na fina diária de suarem alimentos.

Frutas, pequenos insetos, minhocas e uma sorte grande de sementes, tudo serve de alimento aos alados habitantes de sítios e sertões.

Depois, segue o dia, cai a tarde e se encerra a labuta dá procura por alimentos.

Monotonia e silêncio abatem-se sobre sítios e sertões; vão os pequenos seres recolhendo-se aos poucos, procurando, por instinto próprio de sobrevivência, as copas mais fechadas e protegidas do arvoredos, onde se acomodam entre ninhos, filhotes e parceiros, recolhendo-se a natural proteção que a mãe natureza oferece aos que vivem: pássaros, homens e todas as demais espécies que vivem e nos fazem viver.

São, por assim dizer, os motivos mais que fortes e verdadeiros provocando nos Homens o sentido e a vontade de Deus.

A Garrafa dá Mensagem

Aristóbulo, Cientista renomado do Centro Espacial Brasileiro acreditado junto a NASA colaborando em projetos experimentais para o espaço profundo, Aristóbulo, como ia dizendo, entrou em férias.

Num surto profundo de crise ligada a Comunicação, resolveu aposentar, ou melhor, renunciar a todá a parafernália de aparelhos tecnológicos ligados ao que existe de mais moderno na área e, surpreendentemente,

montar uma rede de garrafas de vidro com mensagens.

As mensagens eram ou tinham, continham um único e enxuto texto:

“Leia, mas não responde”.

Estranhamente, o imperativo "leia, determinava que se desse alguma coisa alguma mensagem, mas em realidade, mensagem ou texto algum inexistir.

Montou Haris, todas dessas garrafas mensagens, separou-as em cinco blocos de cem, viajou por mares e oceanos, mundo afora, lançando-as aos mares e oceanos, sem critério ou direção.

Teve o cuidado de informar endereço físico e virtual para receber respostas.

Pôs-se a esperar.

Esperou dias, semanas meses e, enfim, anos.

Ao final de uns três anos e picos chegou, finalmente, uma resposta:

-Se a uma senhorinha, moradora do NE brasileira, dizendo -se muito surpresa com o inusitado do achado e, aproveitando a ocasião, pedir cem reais emprestados, destinados a compra de um beijão de gás.

E foi só!

Por

No sonho, a imagem apareceu de repente em letras luminosas neon:

"O Sistema te quer"

Argemiro, o dono do sonho, traduziu a mensagem como um aviso, significando que o "Sistema e este Sistema decorrente do famigerado Capitalismo.

Começou a desconfiar que tinha entendido mal o significado do sonho quando, na manhã seguinte começou a sentir mal, foi definhando rapidamente e, antes que se desse conta, fechava os olhos para sempre.

- P o i s e!

"A Arte é Agonia"

(Conto do Inusitado Permanente")

Em reunião, espécie de Assembleia, comemorativa do 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, encontraram-se, no ambiente do Museu de Arte Moderna de SP, uma neta de Anita Malfatti e outra neta de uma mulher, anônima, que estiveram, a "Mulher Anônima", estivera visitando a Exposição da Semana de Arte Moderna de Fevereiro de 1922, e, tal senhora, a época ainda jovem, externou estranheza diante de um quadro de Anita Malfatti, "O Homem em Amarelo".

Achará, tal senhora, aquela obra, o quadro, por demais torto, bagunçado.

Assim todo torto é tremido, devia-se, quiçá, ao terremoto acontecido semanas antes na Cidade de SP isto, em janeiro de 1922.

Não se concebia, aquela época, que tal obra pudesse ser tida como "obra de arte".

Só a espíritos refinados, especialmente sensíveis a manifestações artísticas legítimas, poderiam olhar, deixar-se impressionar e afinal atribuir o devido valor ao que se expunha aos olhos do público.

Hoje, 100 anos transcorridos, neta de Malfatti e neta de antiga e desavisada crítica à obra de arte, encontram-se, acabam por se identificarem e se reconhecerem, abraçam-se e sorriem, sem muito mais que comentar ou acrescentar.

-Efeito natural e tanto quanto milagrosa do elemento "tempo".

"O Velho e o Mar"

O Velho, que obviamente não era o Hemingway e nem escrevia livros, era de algum modo, assim como o Velho Ernst, um artista.

Só que ao invés de escrever livros, compunha músicas.

Músicas populares que falavam das coisas de sua terra e de sua gente.

Só que, durante o período mais produtivo de suas criações melódicas seu País estava submetido a uma Ditadura Civil Militar feroz, que a proibi e a todos perseguia, manietando e sufocando todá e qualquer manifestação fosse política ou artística.

O Velho Menestrel vivia refugiado, já no caso de sua vida artística, num recanto solitário e insuspeito, num Velho e decadente hotel do litoral Sul de sua terra. Hotel que em seus melhores dias lá pelas décadas de vinte e trinta do Século XX, era o melhor o mais fino e legante dá Região Sul do Brasil.

Recebia seus convidados em festas e recepções exclusivas, em que despontaram a fina flor dá sociedade estadual e nacional.

Para não ficar na vulgaridade, tais festas e recepções eram regradas pelas melhores e más finas iguarias preparadas por mãos de mestres trazidos de centros maiores especialmente para tais ocasiões.

O ambiente era todo iluminado por caríssimas peças de luminárias em cristal, todas de origem Tcheca, assim como copos e taças de cristal.

A loucura todá importada, assim como talheres em prataria fina.

Na regressão, nas f i m b r i a s (fimbrias) do tempo, o inverno vem, avança, castiga todo este extenso e selvagem litoral, daqui até os confins do Brasil, lá para as longitudes do Chui, com temporais e ventos pavorosas, levanta onda e vagalhoes monumentais, traz temperaturas de frios quase a zero e, enfim, constringe homens e bichos a um viver de recolhimento e reflexão. Às aberturas do velho hotel, incrustados em paredes com pé direito por volta dos seis metros, permitem observar, através de suas vidraças os movimentos terrosos das tempestades de inverno só permitindo visão do mar ao estalar dá luz de raios e relâmpagos.

O mar costeiro, o velho mar das histórias de conquistadores ibéricos e suas histórias fabulosas, vem em ondas que se aproximam dos cinco metros, penteando as ilhas Santana de Fora e de Dentro, vindo dar em estrondo final, simétrico repetido igual.

O Velho Menestrel, agora transformado, c i m e s m a t i C o (cinemático), metido todo em roupa branca, pernas das calças um pouco arregaçando acima dos tornozelos cabelos brancos, deixados longos e disciplinados em trança que se acomoda pelas costas olha através a vidraça observa todo o resultado das tormentas que se espalha lá fora, e, silente ante o poderio incontestado da Mãe Natura cala-se, observa e pensa.

Pensa como o naufrago do poema que um dia declamara, deixando atônito seus companheiros de noitadas do Bar do Marinho, refúgio seguro de britei-ós e desgarrados ainda sobreviventes, real do mesmo de tempos um tanto recentes, onde poesias e sonhos não eram permitidos.

Agora, as b o r a s C a s (borras) são de origem natural, mandadas pelo Papai do Céu, violentas também. mas bem-vindas são aceitáveis.

Olha-se a vida olha-se o Mundo, também se ora (alguns), entoam-se cantos e poemas e segue-se.

E a inexorabilidade do viver.

O Parque das Ilusões

O pensamento barato, fácil de intuir e enunciar, não gera muito mais que vulgaridade.

O esplendor do dia vai indo declinando, exaurindo-se e desaparecendo com o declínio do sol.

Pros lados

Do Leste, onde nada mais brilha a não ser uma única estrela solitária, o brilho dá vontade desvanecer cede graciosamente seu lugar a sentimentos tais que muito mais não são que algo parecido com vontades desmaiada, pura reversão de expectativas que acabam de morrer mil tenham saído, sem tempo de dar seus frutos, apagando-se.

Mas, no mapa geral das coisas que precisam e que realmente são, o alvorecer de uma segunda-feira qualquer pede, impõe, austeridade, atenção, disposição e mente e corpo esperto.

Ainda a Leste, no fulgor feérico do anoitecer um avião, símbolo maior do tempo em que vivemos, alça magnífico voo, corrige direção, imbuca para o Norte e, soberbo, elegante faz, transforma este ponto cardeal no próprio devir de nossas esperanças, lugar das expectativas longamente maturada, destino e porto de espera a aguardar a todos que guardam no peito as certezas de que algo bom, muito bom, nos aguarda e, sem demora, irá pousar sobre nossas mesas, nossos os ruas bairros, cidades e Nação.

O homem do final dá tarde de domingo aos poucos vai se acalmando, recolhendo-se a paz de seu refúgio, certo de que amanhã pela manhã de mais uma segunda-feira, com sol, vento ou chuva, a realidade dura mais maleável, nos espera.

"O Mundo Inicial"

Todas as virtudes que impregnam corpos e mentes a milhares de anos, revelam e acumulam conhecimentos e mais conhecimentos que são em última análise, herança e propriedade única da Humanidade.

Enquanto passeava por Hyde Park era nessas sutilezas que Sir Arthur pensava.

Nas suas procuras persistentes por conhecer, mais e mais enrustido nas misteriosas coisas da Natureza, acabar de ler e tentar entender o calhamaço de pesquisas e deduções, contidas do monumental trabalho científico de seu ilustre conterrâneo Charles Darwin.

Dedicou semanas e semanas a ler e tentar traduzir de si para si monumental obra "A Origem das Espécies".

Na época, isto é, na virada do Século XIX para o Século XX, não lhe foi difícil antever

as difusões, incompreensões e contestações que tal obra vinha e continuaria a levantar.

Acalmado pela certeza tênue das coisas que ousam ser sem se explicarem, foi-se abrigar em posições banco de praça, onde todas as dúvidas que assolam nossa humanidade errante, ajustam-se e se acalmam, propondo não mais que aceitação, conformidade e paz.

Quase nada...

Amanhecia, o sol palmilhava

a montanha, visava ver o que por detrás dela se escondia, prometia milagres, ventura, felicidades sem fim...

Mane Zé, preto recinto e de valor especial de quem nasceu pra camaradagem das amizades fáceis, amorosas e eternas, levanta-se vai ao fogão zinco de barro, embucha-o com a gaveta da seca, trazida do mato no dia anterior, mete umas palhas secas de milho por entre a gravitação, acende uma das palhas com o lume da pomboca a querosene, olha hipnotizado os estalido da falharia seca, lambida pelas chamas graciosas do fogo recém acesso, chega ao fogaréu achas de lenha mais grossa, ajeita toda a maçarico num só enleio, sente que o fogo é forte, e constante, e bem feito respira densa.

Logo vão aos ares o cheiro bom, característico do encontro das águas fervente com o pó de café, fazendo com que se compraram os espíritos na constância de algo do mistério antigo que sai, se levanta, provoca coisas boas nos corações e mentes das gentes desses sertões que nos rodeiam e fazem viver.

Não demora, terminado o café o legítimo café da roça, com biju cuscuz, roas de polvilho, pão de milho, manteiga caseira, mel e melado do pingo e hora de dar de mão nas ferramentas e seguir para a roça para mais um dia de trabalho.

Dureza e amenidades, juntam-se nesta vida puxada

mas digna, de uma dignidade simples e orgulhosa, que faz com que estas gentes simples, na despreensão de seus afazeres, possam dormir, noite a noite, o sono bom, o sono calmo, daqueles que tem certeza da justeza de suas vidas, seus esforços, seus afazeres.

"A Força e a Vontade"

Mais tarde, muito mais tarde, vindo tornar-se conhecido pela alcunha de "Coisa Pouca", andou trilhando trilhas, estradas vizinhos, senhas e carros, entoando canções, estranhas e enigmáticas canções, diga-se de passagem, infundindo medo, deslumbramento e desassossego por onde quer que cantasse e/ou passasse.

Na virada das décadas de 40 para 50 e seguintes, seguindo e palmilhando antigas e esquecidas trilhas,

quer em cima de barcos e chamadas, dentro de trens, nas carrocerias de caminhões, em cima de sacaria de batatas ou outros produtos agrícolas quaisquer, espremido nos amontoamentos das gentes sofridas dos paus-de-arara, trilhando e varando, "a pezito no, mas", os pagos de infinitas planuras das Ilonas gaúchas lá se ia o milongueiro cantador derramar suas melodiosas canções de protesto e inconformidade por entre o povo pobre e abandonado da Pátria Mãe Brasileira.

Crendo com a revolta e vontade de justiça da gente desesperança da imensa Nação, creem Imagista como luz e referência das Leis de desassistidos do País.

Não demorou para que seu canto e suas mensagens chegassem aos ouvidos daqueles que historicamente vinham a enriquecer e locupletar-se com o estabelecimento e as misérias impostas secularmente a essas mesmas exploradas massas.

As canções de Magismos, calando fundo na alma deste povo, calhou de ser o elemento de ser cantado, gritado pelas ruas e praças, País afora, ameaçando a paz e o sossego daqueles que só souberem, Século após século, distribuir misérias e iniquidades.

Entre idas e vindas, avanços e retrocessos, eis que se depara a Nação mais uma vez, como encontro e a oportunidade de moer e transformar, revolucionariamente, tudo o que de ruim é de miserável que pesa e submete todo um povo.

Entoa-se mais uma vez, velhas e tocantes canções, levantam-se os espíritos, estalam de repente novas e surpreendentes chamadas une-se as paixões e dá

vontade de todo um. Povo vão ao chão velhas e corroídas estruturas, todas como irredutíveis e modificadas.

E a marcha do tempo é do novo, ais uma vez fazendo e modificando o curso dá História.

Chão e Pó

As estradas e caminhos tinham funções iguais, mas eram de hierarquias diversas.

estradas eram as estradas gerais, ligavam município, atravessando-, os, seguindo em frente, até alcançar fronteiras e entrar em outros estados, ligando-nos w aproximando gentes e terras.

Já os caminhos, pequenas vias de comunicação entre as comunidades locais, eram as vias por onde passavam os meios de transportes comuns a época, elos não só de ligação e transporte de gentes e mercadorias, mas também é sobretudo, caminhos de ligações de amores e amizades de que são feitas as relações humanas de carinho, nobreza e satisfação.

Na pequena comunidade do interior, entre pastagens, montanhas cobertas das antigas matas de canelas, peroba guarapus espinheiros e bracatingas, encravados engenhos de açúcar e de farinha, alambiques, cocheiras para abrigo das criações de animais de grande porte, galinheiros, onde se misturavam galinhas patos, m a r e C o se galinhas d'água e o casario de sitiantes, esparsos, dispostos, dispostos de acordo com localização e áreas de suas respectivas terras.

Dá Estrada Geral que demandava para o Planalto Serrano Catarinense (Estrada Geral aquela época dos anos 40, 50 do Século XX); hoje, cobrindo a terra, terra bruta, asfalto.

O que era a Estrada Geral de terra bruta, hoje estende-se a asfaltada e sinalizada BR-282.

Na bifurcação que imprima primeiro acesso ao centro de Santo Amaro dá Imperatriz, bem ali, a esquerdá, estradinha de chão, como até hoje, depositava-se a noite, nos gelados invernos daqueles tempos, barris de madeira, carregados dá melhor cachaça artesanal do alambique do Gino.

Permaneciam os barris, empilhados, durante todá a noite, gelando embaixo dá geada dá noite, aguardando o caminhão que aos primeiros rios do dia vinha buscar sua carga.

Pela manhã, além dos barris e sobre eles dormindo e ressoando, Elpídio, gamba inveterado que com canudo de maconha, após sacar a rolha de um barril, introduzia o canudo e servia a "mardita", a Vontade, como se estivesse tomando refrigerante.

Pela manhã, os homens do caminhão, acordavam Elpídio, sacudindo-o, para que se fosse.

Aquelas cenas como o corte dá cana na roça, o arrancar dá mandioca, o transporte em carro de boi, dá roça até os engenhos, as mulheres raspando a mandioca, desnudando as raízes lavando-as, deixando-as, prontas para o ralador são cenas que o tempo este devorador de realidades, tratou de fazer desaparecer, para sempre

Havia, além do rangido cantador das rodas de madeira dos carros de boi, os aboios, os gritos dos condutores dos bois de carro, o canto dos pássaros mato adentro, a algazarra do mulhierio sentadas no chão puro a entrada do engenho de farinha, tagarelando, contando novidades, mexericando e dando boas risadas, normalmente a custa das desventuras e segredos de gentes e situações da comunidade.

Cheiros das vereadoras (mexericas), apanhadas, e chapadas ali mesmo, ao pé da bergamoteira, o cheiro forte dos bois de carro, o suor, as malhas de capim gordura, seu cheiro forte, o melado de suas folhas, lambuzando. Pernas e mãos, o cheiro forte e característico dos externos da Galácia, o Ploc do bater dos tamancos de pau, batucando na terra bruta, no andar dos homens do sítio.

Tais tamancos, aliás, eram o calçado comum, não oferecendo proteção alguma contra-ataques e picadas de cobra.

O Prato Cheio dá Filosofia

O pranto sentido do ser que queria é ousava a mesma coisa, esbarrava em impossibilidades anunciadas, medidas e desmanchados.

Mesmo tendo passado séculos e depois milênios, José, um grego americanizado, fez-se, nas novas terras, também novo, até mesmo no nome que, antes de emigrar, era Antônio.

A grega possibilidade de ser filosófico, esvai-se, desvaneceu-se, nas novas e bárbaras terras americanas.

Revoltado a princípio, foi-se, pouco a pouco, conformando-se em tornar-se e ser apenas o extrato do possível nas novas terras: um ser de apenas materialidade carros de tronco e membros, recheados de nervos e carnes e transitado internamente por linhas extensas de veias e outras terminações.

E nesse intrincado existencial que se batem, dublando, Ciência e Religião, para nossa 8nvomodo e desassossego.

"O Burro do Bibiu"

O Bibiu tinha uma g a l i o t a

(Carroça de duas rodas de madeira, guarnecido com aros de metal) e, para puxá-la, um burro, chamado "Burro do Bibiu".

Minha vó, lá para o início dos anos 50 do Século passado, morava nos altos dá Rua Felipe Schimidt, no "Morro" como chamávamos.

Por aquele tempo, a Felipe Schmidt, aqui em Florianópolis, tinha calmamente com pedras, os chamados paralelepípedos, até a confluência com a Avenida Rio Branco, ali onde está até hoje o Departamento de Saúde.

Dáli para cima, era a rua de terra, barro vermelho, logo a esquerdá o galpão do Clube Carnaval e o "Tenentes do Diabo" e logo acima, a direita, onde hoje está o Restaurante Lindácap, a chácara de meu bisavô, Emídio Cardoso.

Por ali

Ali, na chácara, morava, por aqueles primeiros anos dá década de 50 de Século XX, minha vó materna Amalia.

Sair, der a Felipe, ir "lá embaixo, passear e visitar o comércio do centro de Floripa, era ocasião especial.

Pleno verão, minha vó, arrumada, empunhando uma sombrinha para proteção contra os raios solares de verão, ia doendo e colecionando paradas para bate-papos com pessoas conhecidas.

A uma amiga, preocupada com a pouca disposição para o trabalho de filho de amiga comum, minha avó, do alto de sua franqueza habitual, decreta:

- A Henriqueta comenta que o filho não dá para nada!

Já tentou de tudo, mas vai acabar mesmo e "sentando praça na polícia".

Era assim: se o jovem "não dava pra nada" o destino natural era ir ser policial militar na valorosa e centenária Polícia Militar.

Mas, acrescentava a amiga de vovó:

-Parece que tão pensando...

ao que retração prontamente Vovó Amalia:

"Pensando morreu o Burro do Bibiu, frente à Catedral Metropolitana"!

Coisas, delícias, de um tempo que se foi, e nunca mais...

Chico Alves

Felisberto Martins ou simplesmente "Beto" para os amigos de rodas de samba, conhaque Dreher e cervejas Pérola (Clara e Eura), reuniam-se regularmente, sábado sim, outro também, para, juntamente com o pessoal da música (e da b i r i t a também), tomar umas e outras, recordar os sucessos musicais do passado, não tão distante, naqueles anos 60, e jogar conversa fora.

Beto antigo locutor da Rádio Difusora de Porto Alegre, lá pelo final dos anos 40 do Século XX, aproveitava aqueles sábados festivos para vangloriar-se contar seus tempos de radialista, suas amizades com gente do rádio, principalmente do RJ etc. e tal.

Conta Beto que numa de suas madrugadas boêmios de fim de semana, já alta madrugada depara-se com um boêmio, certamente retardatário, sentado no meio-fio de calçada do Bairro Medianeira, aqui em Porto Alegre e, sentado e desalentador, trazia, encostado ao corpo, um violão.

Ao aproximar-se, contando apenas com a precária iluminação do poste mais próximo, verifica, não sem grande surpresa, isto é, identifica a desalentador criatura: era olha só, o cantor mais famoso a nível de Brasil aquela época:

-Chico Alves o chamado "Rei da Voz".

Aproxima-se, demonstra toda sua surpresa e, íntimo que era do famoso cantor inquire:

-Oi Chico o que estás fazendo por aqui sozinho a uma hora dessas?

Chico retribuindo o abraço amigo, responde:

-Agora vê se pode, Beto; eu tinha um show marcado para esta noite passada em Pouso Alegre e por um desses enganos da vida, vim dar com os contados aqui em Porto Alegre.

-Vê se pode!

Beto, que não perdia ocasião, manda de volta:

- Não esquenta, Chico! Vamos aproveitar e tomar mais algumas para celebrar o inesperado.

E assim combinado, foram-se os dois, abraçados, como velhos amigos, fazer um roteiro dos bares da noite ainda abertos.

Histórias do Beto.

"Preeminências"

(O Mastro é a Bandeira"

Quando passou o último trem, na estação vazia, no lugarejo perdido nos confins do Brasil, apenas duas pessoas guardam a chegada daquele último trem.

Chovia, raios iluminavam a noite era, de quando em quando é tudo ou nada permitia que se desenhar se qualquer tipo de entendimento para as horas que fatalmente viriam.

As duas pessoas, um homem e uma mulher, entraram juntos naquele trem e uma imposição física, a inevitabilidade de uma bifurcação, a pesada imposição física de ter que seguir juntos no interior do trem, acabou por determinar destinos.

Na bifurcação férrea, na folha inconveniente que tal realidade impunha, acabou por "dizer" ao homem e a mulher, tão desconhecidos até ali, uma junção, um aproximar-se que os levaria a irem juntos, a partir dá vida afora.

"Terras Ignotas"

Chico Vacariano, resumo acabado do homem posto a desafio, similar ao sertanejo nordestino, de quem nos falou com total propriedade por Euclides dá Cunha em "Os Sertões", também o homem das terras do Sul do Brasil, forjou-se como um bravo.

Galopando pelos altiplanos sulistas, desde os primórdios dos descobrimentos e ocupações desses careais sem fim, sorvendo o "amargo", herança dos ensinamentos dos gentios, cuidando e conduzindo a gadaria chucra, domando, lançando e humanizando essas terras sem fim, eis aí a imagem acabada desses deserdados de outros mundos e civilizações, que por aqui aportaram para integrar-se e mudar os jeitos dos homens brancos de além-mar.

Acontece um momento fugas

Cheio dos significados estranhos, belos e inovadores

As surpresas depreendidas rasgam o vulgar das coisas todas

Evitam o comum, surpreendem.

Passando do ponto...

Emiliano Zapata revelou, certa ocasião, seu desejo de conhecer o mar...

Espírito livre e revolucionário, era natural seu sonho; ir ter junto ao ambiente onde todos os que são ou almejam liberdade querem ir e deixar-se estar.

Contrariamente, Jose Americo, e criado no Espinho, no interior do meio oeste de, nunca saiu de la, indo morrer num "arranca-rabo", comum nos bailarecos de fim de semana, la por aquelas paisagens esquecidas de Deus dos homens e de tudo mais.

História e não história, colidem e se confundem, significando dizer que no fundo, no fundo mesmo de tudo o que acontece, o que sobra e o conhecimento e a memória de alguns poucos.

Havia pelas instancias e incongruências das latitudes ignoras, frias, etéreas e vazias, um terceiro e último observador que, vendo que tudo, tudo mesmo, caminhava para um melancólico quase nada, preguiça de o melhor deixar...

Horizontes, ah os horizontes, perseguidos por poetas, loucos e pensadores, aliados dos segredos de tudo que, no dizer dos místicos e religiosos, a Deus e só a ele pertence.

Hora do chá e depois do Angelus...

"Nuances do Real"

Não ouse aproximar-se

E nem entender!

Lembre-se, ou ao menos tente lembrar-se,

Dás infinitas certezas que supomos carregar

Mas que

Em verdade (constrangedoras verdades, por certo)

Nos separam ou nunca estiveram conosco.

Carregam, em artes, sejam em quais áreas forem, em sangue, suor e lágrimas, peso excruciante dos sofrimentos de que nos são impostos, enquanto perseguidores enlouquecidos do belo em perfeição.

Não vá se comprazendo e nem se alegrando em demasia, mas antes, e muito pelo contrário, conforme-se em ser, ou por outra, não ser e nem de perto, realizar-se em mínimo seja, em realizar-se em sonhos que, em jovem, o moviam.

Os sonhos passam, transformam-se, viram impalpáveis e inatingíveis, jogando-o na vala comum daqueles que como vos sonharam, embalaram-se também na ilusão e hoje, agora aí estão, prostrados, esquecidos.

Algum consolo?

Apenas a certeza de mais e renovados sonhos.

Va em frente!

JC e a Verdade

No meu sonho, havia remetido a Jesus uma espécie de requerimento, expondo pequenos erros de soma, cometidos por Ele, Jesus Cristo.

Depois, ao final de tal requerimento, deixei claro que tão pequeno erro de soma e, por assim dizer, aceitável, compreensivo e poder ocorrer a qualquer humano, falíveis que somos.

Foi aí que me embananei:

-Humano, JC humano?

Não é JC um Santo, um homem posto na terra a serviço de Deus, como Filho Divino?

Nessas alturas, no sonho, lembro de ter me acudido aquele bichinho dá dúvida (aquele dá propaganda do xarope para a tosse), estabelecendo-se em meu espírito o embaralhamento mental, espécie de barreira difícil de ser transposta.

Mas, sendo impasse coisa restrita a humanos, deduzi, até com sentimento de grandes conforto e apaziguamento para a alma, que sendo JC o Santo que e, coisinhas assim pequenas não assombram e nem mesmo incomoda, e serão facilmente resolvidas, a um piar de olho.

Satisfeito (la no sonho) virei de lado e fui dormir.

Vamos ver!

O gosto Acri doce de folha selvagem

Homenageia passados e lembranças que ressaltam

algum lugar fixo num passado mutante

de luzes um pouco opacas, mas sublimes.

A viagem que fizemos para vir e chegar aonde ora estamos e algo de lembranças e sentimentos que vão se acumulando e encantando com o tempero próprios que os dias conferem e encantam.

"Pouco Bastante"

(Um pouco do bastante)

Poesias, melodias ou palavras do bastante

São

por assim dizer

O muito que se quer dizer e/ou expressar

E as necessidades próprias de momentos e ocasiões.

Mentiras puxadas de poços

Verdades expressas em gritos abafados

Violações de regras

Predições de futuros que não chegam

e

Casacos de demoras e esperas.

Um passar num galho de aroeira

Canta e distrai

Enquanto o sol abrasa

e passeia

lento

no céu.

Va você procurar seu caminho

Enquanto e tempo.

"O Palco Vazio"

Um burburinho, barulho bastante, ensurdecedor, vazava pelos espaços, todos os espaços, agredindo corpos e mentes, aturdindo e paralisando.

Povos e povos, gentes de agora, presença concreta do contemporâneo, remexem-se em incomodar coes e irritações, pensando e querendo, desejando de modo insano, um pouco de recolhimento e paz.

Nada ou muito pouco realmente acontece; só mais telas, luzes azuis, luzes vermelhas, apitos desesperados de urgências, feridas, sangue e desespero.

E o caos e a estridência e urgências de um tempo

que ameaça levar tudo pela frente, de roldão, sem complacências.

Marchamos todos para algum tipo de juízo final, algo assim como já intuito e registrado há milênios.

O banco de trás...

Foi no final do outono e beirando o início do inverno de 1968 que Merill, voltando de uma festa de aniversário de um parente de seu pai, do bairro Bonfim para o Bairro dá Gloria, em Porto Alegre, que a coisa todá se deu.

Estava anoitecendo, friozinho, uma neblina baixava sobre a cidade e ela, junto com sua tia Lucia e seu primo Beto, pegaram um taxi, acomodaram-se e se foram em direção a casa, no caso o apartamento dá tia, onde estava passando aquele fim de semana.

A tia Lucia, imprevisível e meio cabeça de vento, acomodou-se no banco dá frente, destinando de forma automática o banco de trás ao filho Beto e a sobrinha Merill.

Merill, jovenzinha adolescente, na flor dá adolescência, na flor dos seus quinze aninhos, entro e acomodou-se no banco de trás do taxi.

Beto, seu primo, também adolescente, porém uns dois anos mais velho, entrou e acomodou-se ao seu lado.

Tão logo o taxi arrancou, apagaram-se as luzes internas do carro e quase que imediatamente Merill sentiu se abraçadá, apertada e beijada na boca por seu primo Beto.

Surpreendida e indefesa, começou a articular-se num movimento bruto de defesa, mas, parou e conteve-se de imediato para não chamar a atenção de sua tia Lucia.

Beto, solerte e decidido a fazer o que sua condição permitia, avançou rápido e sedento;

dos lábios, passou aos juvenis e imaculados seios dá jovem prima, e em rápidos movimentos, meteu-se de mãos e boca, inclusive por entre as pernas dá prima.

Esta, já a esta altura, como que em sensação de estar "entre o espirro e o bocejo" sentia que desfalecia, que perdoa o controle, pronta já a entregar-se a loucura e ao gozo que a ocasião oferecia.

Não bastasse a ligeireza dás mãos de Beto, mais uma mão agora era praticamente forçada a agir; Merill, entre tantos e tantos sentimentos e novas sensações, deu-se conta, de repente, não mais que de repente, que tinha na sua mão direito algo quente, roliço, nervoso e pulsante; sim, Beto pusera em sua mão o próprio pênis, conduzindo-a a aperta-lo e fricciona-lo, primeiro, em movimentos suaves e compassados, e depois, pouco a pouco, forçando velocidades e gozos antes nunca, jamais experimentados pela jovem e até então inexperiente menina.

Entre beijos na boca e nos seios, punhetadas vigorosas e tormentos e excitados sentimentos, eis que de repente a mocinha vê e sente tudo terminar

num jorro forte, morno, violento, inundando tudo com o leite quente do sêmen liberado.

Titia, no banco dá frente, nada percebera e, aproximando-se do destino, passa ao motorista do taxi as últimas instruções quanto ao ponto de parede final.

Os jovens, no banco de trás, apressam-se a se arrumarem e retomarem um pouco de compostura para a chegada e saída do taxi.

O motorista, que a tudo assistira de rabo de olho, pensou, lá com seus botões:

-Minha velha que se prepare; quando chegar em casa hoje, ela vai ver só!

O Preço Original dá Discórdia

Quando a chuva que fazia, fazia porque fazia

Muitos, mas muitos mesmos,

crentes que a hora era boa, dá e sagrada,

Deram de divergir e uma pela outra,

tinham muito ainda que discutir e a contradizer para que, enfim, algo de concreto e positivo se apurasse.

Um dos divergentes, afogado em locação de iniquidades e mentiras, perorou, discursou e argumentou de forma tão veemente e repetitiva que ao cabo e ao final, depois de meses e anos de tanto lavar, acabou por esquecer-se dos originais argumentos que durante tanto tempo sustentara e, embolando-se e enredando-se nos meandros no próprio cipóal que se enredara, admitiu, apertando o nó:

- ...e, talvez, quem sabe, vamos ver!

"Duendes"

Manhã luminosa, pleno outono

Fatos, acontecimentos para maravilhar, mas também entristecer.

Aos desavisados, pareceria ou até mesmo fazer parecer que o mundo

Do jeito que

Ou que parece ser

Deveria e seria feito para nos alegrar e nos atender

nas nossas inocentes expectativas.

-Mas não!

O sol. Brilhante do amanhecer

O despertar buliçoso dos pássaros

Nossa própria agitação

Parecem apontar para certezas de retribuições e contentamentos

Mas

Antes ou mesmo depois do despertar maravilhoso

Do céu claríssimo do sol brilhante

Embrulhado no mesmo pacote

Escondem-se as tragédias e desastres que a natureza engendra e entrega.

E o drama dá vida a nos brindar com o que há de belo e dramático nos meandros insondáveis da mãe (ou madrasta) Natureza.

O celular de minha Sogra

Minha mulher deu um celular para minha sogra.

Ela, minha sogra, acaba de completar 97 anos e andou com o tal celular por algum tempo de um lado para outro, sem jamais conseguir do aparelhinho nada de nada.

Dava dedo em cima de dedo, sacodia o aparelho como se fosse um bebê de colo, resmungava contra o celular, reclamando que nos celulares de filhas e netos até cachorro aparecia e no dela, nada.

Num domingo de reunião de família para o tradicional churrasco gaúcho, a veia tava sentada num sofá velho, na área externa dá casa, sem aberta e onde ficava também a churrasqueira, na verdade uma lata, desses que se encontra nas lojas desses artigos, quando a certa altura, a veia sogra, cansada de dá dedadas de quase furar o celular, levantou-se e pinchou o aparelhinho no braseiro dá churrasqueira.

Até que o pessoal se desse conta, o bichinho fez um chiado estranho, deu uns corcovos e estourou. Saiu um fumacento, voaram algumas pecinhas metálicas e cacos de vidro e o que era plástico, derreteu-se numa espécie de mingau preto e fumegante.

A veia, solerte e c9m os olhinhos brilhantes, de certou:

-Esse não incomoda mais ninguém!

As Leis de Deus

Primeiro, o homem inventou Deus.

Depois, suas Leis.

As Leis são conhecidas, tem consistência e o respeito entre a Humanidade, devendo e são observadas por todo aquele de muito ou pouco entendimento geral, pobre ou rico, branco ou negro, seja quem for.

Quanto a Deus, como ideia, trata-se de mais de uma necessidade, Humana necessidade que, em seus princípios e propósitos, não faz ou não deveria fazer mal a ninguém

Não deveria fazer mal, mas, dada a fraqueza e a natural inconstância dos homens, mal as vezes faz.

A mais novinha, inocente

dás crianças, desde que corretamente orientada, sabe modo geral distinguir mal e bem.

Daí procedendo, acaba por gerar e disseminar o bem.

Deus, mesmo que imaterial e eternamente distante, saberia, se vivo fosse, que ainda assim, sua ideia como Ser bom, piedoso e magnânimo, e experimentaria sentimentos de satisfação e completude.

Assim, com Deus satisfeito, também os Humanos, por satisfeitos também se dariam, nada havendo a reclamar, como reza e se vê nos contratos em geral, das plenas e sagradas quitações.

A ideia é que todos possam dormir satisfeitos e em Paz, inclusive Deus.

"Vital"

Todá uma História, estranha História, que, primordialmente, isto de bilhões de anos, fazia-se sem dizer e revelar nada.

O nada que verificamos, e uma enormidade indirigível de materialidade e significados.

Nós os Humanos, imersos em profunda incapacidade de desnudar signos e significâncias, afundámos numa ordem tal de perplexidade que acabamos por nos revelar, assim por assim, os gestores do improvável, do incontível.

Federico Fellini

Música de Nino Rota.

Com Marcello, Mas Troiani

Amouque Aimée

Vera Miles

Assistir aos 10 min finais e se dá por satisfeito e grato pelo Cinema, todo!

Dia chegara, ou talvez não, que acabaremos, enquanto humanos, a entender que não fomos postos no mundo destinados nem a entender e nem a explicar nada de nada.

Não temos estas obrigações, não está certo e nem explicito em nenhum lugar que assim deva ser.

Devemos então nos atirar nas cordas, jogar tudo prosar e nada mais fazer?

Não!

Somos modestos e inteligentes bastante para saber que embora não tenhamos decifrado e nem respondido as grandes questões de nossa existência, nada nos autoriza a simplesmente desistirmos.

Geração após geração, séculos e milênios, se não nos permitiu explicar, entender tudo o que por aqui e por aí, não nos prosta em total derrota e desanimo.

Não temos o direito a isso.

Devemos continuar a proceder do jeito que sempre foi.

Não há como, não há escapatória.

"As vicissitudes do tempo"

Forças que atuam sobre nós, perpetuando-se

E fontes de intenções,

brincam com nossos saberes e sensibilidade.

Nossos horrores e sensações, sabem, pensam e pensam que sabem

Mas os resultados extraídos

nada confirmam.

O pai de meu amigo

qual um Exupéry caboclo

em lance de puro gênio e encantamento,

montou seu próprio avião,

levou-o ao piso duro e deserto de uma

e dali alçou seu voo de pura fantasia e deslumbramento.

Andou rente as ondas monumentais e o céu,

escândalo de azul.

Por um brevíssimo tempo

Fez companhia as gaivotas e as aragens geladas do extremo sul do Atlântico.

Depois, voltou, pousando suavemente sobre o leito dá, envolto pelo clima bom e mistérios dos sonhos.

O Santo Ofício dá Inocência.

A beleza das culturas do Genio de Congonhas, deve significar ((e significa) que aqui nestas estranhíssimas terras, tão longamente ignoradas, no meio da selvageria e do abandono e ausência divina, tinha algo que como um avisa e predicado, vigia.

Ninguém, ninguém mesmo, sonhou ou sou pensar e nem de longe imaginar, que o que aqui se veria, fosse possível.

Dilúia-se, a hora estranha do cair da noite, dilúia-se a preguiça e ausência de Deus.

Mas, também, ausência e preguiça, podia-se mesmo imaginar, intenção.

Nas menores e mais fortuitas coisas, podia-se (e ainda se pode) imaginar e verificar toda espécie de coisas e mistérios.

Antigamente e mesmo agora, vagam, vagalumeiam por aí signos e leves sinais do que do mais aparente ao mais profundo mistérios, existam.

Os pais, como tantos, acharam de nominar o bebê recém-saído de Maria e, seguida, vacilar entre Carolina e Aparecida.

Resguardado o direito que a cada um, fez-se coisa ou outra, e pronto.

Praticamos modos diferentes de fazer tudo igual e disso nos vangloriamos, satisfazendo-nos.

A preguiça e aparente ausência dos deuses, fazem esmola, moldando-nos por alguma forma.

Assim, assim, balbuciava o pequeno menino, olhos brilhantes, mente aguçada, rápida, velocidade das raízes e entendimentos cósmicos.

Luzes dá Ribalta (Lime light)

Charles Chaplin

Claire Bloom

Buster Keaton

Provavelmente o melhor do Cinema.

Sequencias finais, reunindo Chaplin e Buster Keaton, dificilmente poderão ser suplantadas, devendo permanecer para sempre pelo melhor que a arte e a poesia serão igualadas.

A reunião de Chaplin e Keaton, os dois gênios dão Arte Cinematográfica, deve-se a gesto de grandeza de Chaplin que sabedor dá má situação de Keaton, abre espaço e convida-o a participar dá emocionante sequência final do filme.

Momento emocionante dás histórias desses dois gênios dá História dá Sétima Arte.

Dias passam...

Não passa um dia em que eu não veja ou sinta o cheiro obsequioso do passado (ou seus limites)

e a sinfonia agonia do que parece o logo ali.

Rui ou Raul, algo assim, hesita sobre anomalias que descobri em ranhos alfarrábios de um passado que, convenhamos, e por assim dizer apenas um roteiro ou cardápio dá futura.

A moleza típica daqueles que vieram e de algum modo se assentaram, aclaram o que vira ou está por vir.

Penso em manivelas e bicicletas, e acabo constatando (ou deduzindo?) Que o que precede apenas aponta e esclarece o que vira ou está por acontecer.

estradas e percursos, acostumados aos sofrimentos descomunais do passado, aparecem e somem com a violências dos raios tórridos e massacrantes de sóis de áfricas e brasis, unindo-os pelas violências dos bates e rebates do que acontece, mancha e desmancha, segundo roteiro mistérios de tudo que plasma e se nos oferece.

Outro dia me surpreendi, pensando em como morreu, como fenece a vida de todos os seres vivos, de agora e de sempre, que ousam desaparecer, deixando-nos apenas carcaças.

"A luta do homem contra o poder e a luta dá memória contra o esquecimento"

Milan

Muito ouvi e principalmente li sobre esse escritor, mas nunca li nenhum de seus livros.

Ler ou não ter lido obras literárias, empresta, por si só, valores de peso relativo.

Algumas civilizações, ainda hoje, não têm e nem nunca tiveram.

No entanto, estes povos mantem riqueza de memória de tradição de absoluto valor histórico.

A Paixão Segundo o Coração...

...e o coração segundo a razão.

Não importa o que você ache!

Certo que fomos feitos para achar, mas, mais certo ainda e que, embora feitos, não significa, de modo algum, preparados.

Então, não tendo a quem reclamar, resta orar.

Isto se você tem fé religiosa e acredita.

No mais, não se preocupe demais, mas também não relaxe demais.

Já dá pra ver (será?) que tudo, de modo geral, e sim e não e tudo mais.

Entendeu?

O Modo Próprio de Ser Estar Chegar

Antes que entre

Convidado ou não

E aconselhável cuidado

Ou

Cuidados.

Observe atentamente tudo

Mas tudo mesmo

Do possível e do observável.

Quando for

Quando decidir o momento

Pense ainda mais momento

Eleve um olhar

Breve olhar aos céus

E

Depois vá.

Lem o observa

Espera.

Ir, continuar ou retroceder

Não é coisa ou opção que se lhe oferece.

Anda

Vai andar

Vai procurar teu destino

Sofre, ri, gargalha e

Chegada a hora de sofrer

mantenha-se calmo e controlado

Bua a plenitude dá calma

não te agites, não esbraveja, nada.

Espera passar,

deixa que passe

pois afinal

tudo passa, mesmo!

De ti e de nós mesmo

ficara uma ou outra lembrança

pequena, tênue

sem importância.

O alvo dá sorte

Bastou um simples e desprezioso movimento

Como de pálpebras

E o fogo ilusório dá paixão

Acendeu

Como carta e encontro marcado

Pelos infinitos dos tempos

Para aquele dia e hora.

Poucos

Mas muito poucos mesmos

Deram-se conta

Nada notaram

Foram dormir felizes

Deixando passar.

Claustro dá Hora Divina

Nos divide, massacra e reafirma

E pondera com emoção

Fazendo-nos

Não pecar

Mas sobre o possível.

Mas, digei-me vos

O que te qualifica

O que te faz seguir?

Não sabes?

Não te incomodes; quase ninguém ou mesmo ninguém o sabe.

O espaço pontual (e físico)

Que arruma e separa as notas,
Dentro dá pauta
E aquele mesmo
Que te antecipa e te esclarece a morte.

Ha um breve querer
E uma nuvem ou bruma
Que te congela e assusta
Mas há também
Quem sabe?
Muitas outras tantas coisas
Que, enfim
Ha de te fazer bem
Pouco que seja!

O Complicado Mundo das Cobras

Cobras ou serpentes ou o que seja, estavam namorando (ou se cortejando, como observou um estudioso do mundo das cobras) em cima de árvores na Lagoa do Peri.

Juntou bastante público, certa algazarra, manifestações etc., mas as contas continuarem nos seus enrolos amorosos sem prestar atenção no público.

Nadas as incomodou.

Uma moça, lá para os lados de Urupema (lugar mais frio do Brasil) planta e produz macas; de qualidade diversas.

Afirma, divertidamente, que apareceram milhões de seguidoras e seguidores; diferente de que inicialmente pensei, não se trata de redes sociais, esse tipo de coisa.

Trata-se na verdade de um abelheiro, esférico e do tamanho aproximado de uma bola de futsal.

Aproxime-se ou esbarre acidentalmente no tal abelheiro e os milhões de seguidoras e seguidores logo virão até você.

Crianças geniais...

Agora, além da menininha bebê que pronuncia palavras compridas e difíceis, apareceu um loirinho russo decano e oito meses, tocando piano como gente grande.

São fatos assustadores que talvez, quem sabe, possam trazer algum sentido para as nossas vidinhas de saberes tão limitados.

Quem sabe?

"O Plano"

A essência, concepção e autoria de um plano, grande, tão incomensuravelmente grande que, para existir e ser exequível, há de ser, quase que por milagre, bem pequeno e simples de manuseio.

Nos, os humanos, não fomos feitos para executá-lo, nem de longe.

Fomos feitos, isso sim, para ser apenas os ingredientes vivos, pulsantes e pensantes, de algum projeto "in progresso", do qual nada entendemos, compulsivamente e por instinto participamos e desesperadamente tentamos compreender.

Somos tudo e somos nada na velocidade estonteante dos naturais aconteceres.

O mundo relativo...

A mão bondosa de Deus, prestasse a proporcionar e, em certa medida, deixar que o bem aconteça, mas, também permite que o mal. Aconteça em variáveis graus de violência e destruição.

A alegria que as os bons acontecimentos nos proporcionam, contrapõem-se os males, os horrores que nos atingem, que de grande variedade e imprevisibilidade.

Criamos um Deus, onipotente e, portanto, criador de todas as coisas, as boas e as mas, benvindas apenas as primeiras.

De todo modo, seguimos submetidos as leis naturais (Divinas, talvez!)

que nos submete, nos fez e nos faz pequenos, polvilhando nossos caminhos, nesta vida, de surpresas e grandes sustos, que suportamos ou não, jogando-nos na cesta comum dos desvalidos.

De todá forma, resta rezar, acender velas, queimar incenso, como última e desesperada de prevenção e esperança.

Já não sabemos...

(A música e "Eu já nem sei...")

A bebida (qualquer uma)

Embala e, até certo ponto,

Nada o que vem depois

e que de certa forma

e onde o que nos move

e parece nos enganar.

Força poderosas,

e misteriosas,

nos embalam e enganam

no caminho e no mister

-de nos levar

pela mão

feito crianças

para o mundo dás certezas

que pressentimos

mas reconhecemos.

A minha "exalta romana" pede paz a todo mundo

Passeia com devagar

Esperando quem sabe tudo

Vi nascer o dia claro

O amor e a paciência

Esperarei todos demais

Me vi bem à vontade mesmo.

Ontem amanhã e hoje

São peças transmudáveis

Fazem cenas diferente

Abastecem-se de si mesmas.

A Religião tem codificado o que convém e o que deve ser evitado do proceder humano, enquanto vive.

Os bons e corretos procedimentos aliviam a mente e marcam pontos no julgamento divino,

As violencias que ao curso dá vida vamos impondo aos nossos corpos; vão refletir no final, na velhice, vão resultar em sequelas, tendentes a nos transformar em verdadeiros espantalhos, nossos corpos, remendos pobres e lacerados, resultado triste do que fizemos.

Tudo quase nada...

A percepção que você tem

A convicção forte e definitiva

Provavelmente, aliás, muito provavelmente,
está errada.

Representa dizer que o mundo que o cerca

Vai continuar

por mais algum tempo

e de mesmo jeito que sempre foi.

faz frio, chove, nos jardins do condomínio tem palmeiras que em 12 ou treze anos, creram, suas copas nivelam com o terceiro andar e, incrível, um sabia gorjeia a esta hora dá noite.

Efeito certo dá iluminação branca que ilumina e faz parecer dia.

Todas essas coisas, e milhares de outras, são postas, com ou sem intenção, para ir nos embalando e iludindo, enquanto por aqui estamos.

Primeiro, houve um louvo,

Depois um grande, imensa claro

E explosões magnificas

(se assim se possa dizer)

depois,

como que independência,

imensa e quase imperceptível onda sonora

Culminando,

um apagamento e silenciamento repentino,

fazendo ou trazendo silencio.

Não tendo sobrado ninguém que pudesse anotar registros,

a coisa parada e silenciosa se impôs,

consternando e silenciando tudo e todos.

Quem pudesse postar-se de testemunha,

Certamente esperaria que um ser,

Qualquer que fosse,

Acaba por aparecer para minimamente dar explicações.

Mas não!

Talvez ainda por milhões ou,

Que sabe, bilhões de anos

(Como que entre o fim dos dinossauros e o aparecimento dos humanos)

Nada apareceu, nada se moveu.

Tivesse algum grupo remanescente de humanos, tivesse se mantido, estaria, tal grupo, certamente de joelhos (se religiosos)

Rezando, rezando e rezando...

...na espera que seu deus aparecesse.

A fé, a crença cega religiosa, se legitima, reveste-se desses sacrifícios.

Enfim...

Pensei em você

E ao fazê-lo,

Dei-me conte quão essencial

Necessário, pensarmos, vez por outra,

Certa frequência,

Pensarmos, como em prece,

em ou aqueles que nos tenham deixado.

Trata-se de frequência positiva de libertação e energia

Fundamentais, nadas das necessidades do ser

e paridas das forças estranhas e admiráveis

Que nos criaram e sustentam

Coisa Cuidada

O açodamento, o espaço circunscrito e miserável,
a vulva eterna e gigante
a conceber seres medíocres
viceja como coisa podre
sem préstimo.

Dom Vicente Avelar y Constanedá,
pensando como Quixote
inventou de meter-se pés e mãos
exato pelos pés e pelas mãos
só fez ajuntar matéria nula
como logo se mostraria
e veria outro Avelar, este, Antonio,
pôs-se a cavar como um possesso
daqueles de tiritar de complacências
E Sem demora ter-se louco como cão raivoso.
Não havia calma ou lucides
só ânsias e ansiosos.
Milênios de gula, cobiça, avareza e religião
hei-nos aqui chegados.

Quebra dá Materialidade

Você sai, empreende viagem de uma semana e ao final das duas semanas, volta.

A casa ou apartamento que você mora, encontra-se igual, nas mesmas condições em que você deixou ao sair.

O tampo do vaso sanitário, que você esqueceu de baixar, a lâmpada acesa dá área de serviço, enfim, tudo se encontra exatamente como estava, ao sair.

Agora, você saiu, meteu-se em viagem interplanetária com destino a Marte, sua nave apresenta defeitos, perde o contato com a Terra, passam-se os anos aqui na Terra, decorrem 100 anos por aqui, mas apenas 30 ou 40 anos pelas profundezas dos espaços por onde você andou.

Acaba sua nave voltando, por um desses milagres a que estamos sujeitos e, tentando voltar ao lar que aqui deixou, constata, não sem surpresa, que a casa que você deixou, juntamente com os moveis, assim como o bairro de sua residência e as pessoas, parentes, conhecidos e amigos, tudo desapareceu.

O choque será brutal, devastador.

Essa é uma hipótese plausível.

Agora, uma outra hipótese, também plausível:

- Você morre, e toda essa mesma materialidade de casa, moveis, parentes, amigos, bairros, desaparecem para você e para sempre.

Nesse caso, não há voltar e voltar a rever os bens que você levou toda uma vida para construir, ter e desfrutar.

E a lei imperiosa dá natureza, malho de ferreiro, usando sua cabeça, fazendo-a de bigorna.

Tem algo ou alguma coisa misteriosa escondida por aí?

Quem sabe!

Visionários

Você precisa de certas habilidades para construir uma mesa, armários aéreos e todas essas utilidades do dia a dia.

Mas, são habilidades aprendidas e desenvolvidas por toda a vida, desde tenra idade e poucos as desenvolvem e as praticam.

Virgílinho; física mente, um Gepeto (o paizinho criador do Pinóquio)

mas, Virgílinho, como ia dizendo, agitava-se todo, um azougue no mister de visualizar, desenhar (de forma toa) e enfim por mãos a obra e finalmente começar a medir, marcar e serrar as madeiras que irão compor a peça a ser construída.

Seu parceiro de jornadas, o seu Erico, tudo assistia, dando opiniões e ajudando na execução.

Começo dos trabalhos, seu Erico pergunta e quer saber:

-Como e que vai ser, Gigi?

Gigi, era assim que seu Erico tratava Virgílinho.

- Ue; respondia Gigi, a gente serra aqui, serra ali, junta tudo, faz os furos na parede com a furadeira elétrica, e dá, pá, pum e deu!

Seu Erico, que nem um ouriço enfezado, perdia as estribeiras e mandava:

Pá pum e a PQP, Gigi!

Tu não me enches o saco, e vamos planejar e construir direito esta porcaria!

A partir daí e até o término dos trabalhos era isso:

Xingamentos, altercações e bate-boca.

Aquelas eram verdadeiras comédias da vida privada, verdadeiros, e saudosos pastelões...

São recordações e boas lembranças da dupla Gigi /seu Erico.

Moca

Sucedâneo perfeito ou perfeita

dás coisas certas para agrado, delírio e provocação.

Jesus não quiz,

Sansão foi humilhantemente enganado

Romeu, em delírio amoroso, entregou-se ao desvario dá morte,

Cleópatra, enrodilhada em paixões amorosas, acabou por oferecer o corpo sedutor e pecaminoso as presilhas furadinhas e fatais, a namorada do Gari dá Comlurb, foi flagrada executando ações inomináveis no corpo de um soldado dá PM, a tia de um amigo meu, quarentona, caçava meninos de tenra idade e estraçalhava.

Tudo isso para compor o enredo de longa e milenar matéria de novelas farsas a compor páginas e páginas de romances de novelas baratas.

Bicho satisfatório

Você não precisa, necessariamente, ter nascido e ser inglês, americano do norte, australiano e branco.

Mesmo que sua pele tenha outras tonalidades que não a branca, seja você indígena, preto, preto amarelo, latino de qualquer procedência ou amarelo, não se avexe;

O mundo, o planeta que habitamos e como o conhecemos, está derretendo e? neste derreter, e antes que se fine, mudara, sofrera profundas modificações.

E, com todá certeza e sem nem mesmo precisar ser um ser iluminado (cruza de jegue e vagalume), o que vai acontecer não vai, mas já está acontecendo.

Religioso ou não, continue (ou não) nos seus afazeres e guarda com fé e confiança.

Afinal, para que nos servem estes sentimentos?

Nossa Senhora Medianeira

No bairro, a noite cai e a neblina típica dos meses de inverno, toma conta.

No pequeno convento de pisos sobrepostos

mas apenas dois, as pequenas barracas, iluminação precária e bruxuleante, indicam que não é só o fim de semana que termina; também os festejos em homenagem a Santa, terminam melancolicamente.

Uma impressão pesada de pobreza, sobra, impressiona.

Alguém, um pai de família, por certo, tenta a sorte, por última vez, na roleta precária, roda circular de madeira, com números pequenos e disformes, dispostos pelas extremidades da roda, sobre um fundo de um azul desmaiado, tristonho.

Eu, adolescente de não muito mais que quinze ou dezesseis anos, acode-me a estranheza de um pensamento vago e vazio (como se já não bastasse todo aquele ambiente em si):

- quanto somaria, se se pudesse contar, todas as notas e moedas na posse, nos bolsos das calças e casacos dos últimos retardatários ainda por ali?

Percebendo-a inutilidade e esterilidade da pergunta, dou-me conta que passa a hora de sair, de retornar ao lar, dormir, ter outros sonhos e preparar-se para a manhã de segunda e a concretude delusória de mais uma semana de trabalhos e fadigas sem alegrias ou esperanças.

Somos, grande maioria, navegantes participes desesperançados deste grande universo das desilusões.

(Lembranças de uma noite na festa da Padroeira do Bairro Medianeira de Porto Alegre no final dos anos 50 ou início dos 60)

"Segredos"

O mundo feminino demanda segredos.

Uma mulher, tangida pelo ambiente e pelas solicitações que sua presença provoca, sugere e impulsiona tudo o que provoca, direcionando.

Médio ou mesmo bom observador, certo de ter entendido, as vezes ou por vezes, pensando entender, cai em autoengano, trabalho, dorme e densa como se estivesse em paz, na dita santa paz das coisas definidas.

Mas, em verdade, nada ou quase nada, havia se decidido, apenas impressões ilusórias.

A mulher, esta, de si e para si, sabe ou intui que o bicho rebelde e agitado que suas (dela) mãos seguram ou pretendem, há de ir para o plano sagrado, liso e traiçoeiro em que as coisas, tudo ou tudo mesmo, irão expor-se e explodirem no recôndito teso, sedutor e inevitável dá entrada sensual de suas nervuras dos enleios sedutores.

Branças, Suzis, Alices, Marias e Terezinhas, mercê ilusões, foram certezas e ilusões que estavam ali, paradas, apenas lhe esperando.

Desde sempre!

Segunda Pessoa do Plural

Não mais se usa, praticamente!

Mas, se vamos falar dá nobreza, há muito em desuso em nossa País, pode-se tentar!

Podeis vos (ou Vosmecê) dar colheradas e mais colheradas de sopa e, só o peso dos antigos e severos costumes, trabalhar de tal modo que não haja boca torta ou barulhos estrepitosos e inconvenientes.

Ante a inesperada profusão das classificações do sexo, espera-se que alguma coisa nova e não trivial, aparece.

As mocinhas, invertida e inadvertidamente, nem com pênis; e os rapazes também!

Os mais velhos (ou antigos), confusão, não sabem o que pensar ou fazer.

Não entendem como duas pessoas, vivendo e praticando atos dos gêneros antagônicos, atracam-se nos jogos brancos (jogos dos lençóis), tirando gozos uns dos outros, embora com instrumentos iguais.

Uma coisa há de se reconhecer: as possibilidades de excitação e gozos mostram-se excepcionalissimamente alegres e agitadas.

Então, dê-lhe esfregar-se, esfregações e penetrações variadas e diversificadas, alegrando sobremaneira as atividades de alcova.

Cole Porter por certo teria adorado viver o presente e as novidades que temos...

Mensagem

No deserto, por onde Jesus andou, não tinha homens pequenos, anões.

Uma única vez, Jesus encontrou, em pleno deserto, uma caravana circense, e lá, entre camelos, elefantes e até girafas, tinha um, melhor dito, um núcleo familiar de anões;

Um casal e três crianças, duas meninas e um menino com idades entre dois e nove anos.

Jesus, admirado, aproximou-se da pequena (em número e estatura) família e passou a conversar, aproveitando para observar de mais perto o pequeno casal e suas crianças.

Não tocaram ou falaram sobre sentimentos religiosos, mesmo porque aquelas estranhas e pequenas pessoas eram para JC, novidade, estranha novidade.

Ao cabo de uns poucos minutos, JC, afável, simpático e prontamente despido de quaisquer preconceitos, foi-se tornando amigo da família de pequenos, sentados à sombra e trocando informações e amabilidade.

Depois, dias depois, JC, em suas caminhadas e retiros voluntários, deu-se de matutar sobre a família de pequenos, impressões e particularidades.

Surpreso, constatou como e grande ou como são grandes e surpreendentes as coisas do natural e os mistérios que apresenta.

Mais tarde, ao anoitecer daquele dia, postou-se de joelhos e agradeceu a grandiosidade divina posta a existir e acontecer aqui na Terra.

Nos tempos dá gabirola

Enquanto chove, noite eras dá solidões e lembranças, ali fora, 9nde tantos de nós mesmos, que nos precederam em alegrias e suprimentos. deixaram-nos, na difusão opaca do tempo, o que agora temos e veneramos, que nada mais são que a beleza espacial e abstrata dá heranças naturais.

Aqui por esta mesma rua, tempos idos, circulavam gente a pé, carroças e carros de boi, sobre piso simples de terra e barro, fazendo e trazendo a paisagem a beleza simples, singela daqueles outros e perdidos tempos que, agora, nunca mais.

Havia as rocas dominantes (e predomnantes) de cana de açúcar e mandioca; e havia os engenhos de produzir açúcar preto (mato) melado, inclusive "do pingo", a garapa e as boas e puras cachaças dos à lambiques coloniais, também as farinhas de mandioca, os cruz, nos ambientes mágicos dos engenhos, com suas rodas de boa madeira, dentadas, movidas a força dos bois pacíficos, treinados e dispostos aos comandos de eia, oa oa oa.

Dá coz8nha dá casa de sítio, telhado cru e tismado dá fumaças do dia a dia, crepitam no fogão a lenha as madeiras duras dos espinheiros de secos e vermelho e de fogo potente, a cozinhar, ferver e assar a carnes, feijões, arrozes, batatas e aipins dá tipicidades perfumadas e deliciosa que os tempos trataram de apagar.

Aqui não era a "Passarada" do poeta Manoel Bandeira; desconfio que era um pouco melhor!

Tal verbo, tal virgula...

Denominar contos, poesias, romances, te o condão de revelar qualidades outras que os artistas escritores tem, e, surpreendentemente, revela-se, à vezes.

Imagino, sonho mesmo, ser um grande escritor, escrevendo contos, novelas, romances, mas, chegada a hora de nominá-los, pronto, la vem a indecisão, a falta de inspiração, a pobreza abjeta de uma mente pequena.

Mas, continuando, lembro-me dá antigas aulas de Português em Porto Alegre, na segunda metade dos anos sessenta e penso...

Tal verbo

Tal virgula....

Constato: como tudo pode ser simples embora a imensa dificuldade em sê-lo...

Divagações

Se a essência de Deus e o mistério, nós e tudo e todos que vivem somos a materialização, ainda que breve e passageira deste mistério.

Assim pensando (e sentindo) quem sabe não possamos, num ousado voo de tentar e tentar, ir, quem sabe, nos aproximarmos, de tudo o que entendemos por divino, sagrado e palpável.

Temos, através os tempos de grandezas sem fim, nos contentarmos em repetir; predicamos, filosofamos e praticamos e propomos religião, mas não nos satisfazemos, nunca!

Também, nos humanos, laboramos, sempre e continuamente, em compartimentos.

E a Ciência, e a Religião e tudo o mais que nos intriga e chama a atenção e mexe com nossa curiosidade;

Ocupamo-nos, perguntamos e perguntamos, abrimos portas e achamos e nos refletimos em imagens de espelhos que, autorreproduzindo-se, leva-nos ao cansaço e ao desânimo e a repetição estéril do mesmo pelo mesmo

Canto dá Solidão

Não vá você pensar e nem de longe imaginar

Que

Plasmadas por visões e sensações estranhas

haja

só por assim existir

em nossos peitos sofridos

algo muito similar ao choro sentido de uma criança

e velada e assustadora

A visão de flamulas e bandeiras

soltas ao vento dá manhã sombria

como significâncias de avisos e de lamurias que nos sufocam e arrebetam a alma.

Marchar, marchar e marcar

e ver nas fimbrias tenebrosas dos amanheces

só mais cruzezas, tormentos e desilusões.

Apeie você todos dos mentirosões enlevos e ilusões que os embalavam

abram as portas dás duras realidades que o tempo trouxe e vá procurar nos braços do amor, o lenitivo único e disponível

que haverá certamente

de envolvê-lo em consolo, cura e novas e renovadas ilusões.

Cansaço

Volta cansado o homem das ações.

Saiu de madrugada, noite alta, profunda, fria e chuvisquenta; empurrou seu barco para o mar, eu lutou, anotou distraído o marulhar das pequenas ondas, o embate eterno contra a ; vislumbrou, ao longe, as luzes do porto, os navios, poucos, atracados e luminosos, refletindo sobre o espelho brilhante das águas, suas luzes.

O barulho ruidoso dos grandes guinchos portuários, informavam faina, trabalho duro, pesado, de homens e máquinas, enfiados nos silêncios da noite, laborando no que movimenta, modifica e atende.

(Este, o introito! Depois, contínuo, não agora!)

Antes de continuar, umas outras anotações!

No bar/restaurante do Marinho, instalado em prédio antigo de 100 anos, num promontório, não mais que duas quadras do mar, a coisa vai animados, com o Batista discorrendo, orgulhoso, sobre os mais de 20 alinhadíssimos ternos que possui, todos em uso e apresentados, dia a dia, nas audiências trabalhistas a que comparece, vogal, representante da classe patronal que e.

Dorlin, funcionário da empresa que administra o Porto, capricha tudo o que pode no dedilhar as cordas do violão, tentado extrair acordes que, se não iguais, muito próximos dos acordes do Mestre, Joao Gilberto.

Presença honrosa e não comum, o douto Juiz do Trabalho, Dr. Gersón, e surpreendido pela figura estranha, cabelos compridos, em traça e barba grade "a la Papai Noel" , todo de branco, que se acerca da mesa do Doutor Juiz, e manda:

- "Como e teu nome e o que fazes?"

Doutor Gerson, sem se deixar nem minimamente abater, embora surpreso, responde:

- "Meu nome e Gersón e sou o Juiz Trabalhista da Comarca!"

O perguntador, a figura estranha, todo de branco, dando a impressão de algum pirata do extraviado e incendiado "Bounty" (na verdade o grande Menestrel das Alagoas), impávido, colossal, dono absoluto (agora) do palco e da plateia, manda:

- "Então Gersón, vou te contar a história de um homem, um sonhador, um poeta, que se viu, um dia, completamente só e isolado em uma pequena ilha no meio do nada, do grande oceano!"

No balcão do bar, Jánga o peador dá do Porto, enfileira, como faz todas as noites, uma cerveja, um copo de uísque com gelo, e uma pequena taca com "cointreau" tudo devidamente consumido com método e afetuosa dedicação.

Jánga, após a curiosa bebericação, irá sair, ligo ali depois das 23h, ou seu barco n'água e ir, noite e madrugada adentro, arrastar sua rede pelo mar dá do Porto.

A reunião vai, se desenrola noite adentro, os papos se intensificam, acaloram-se, e depois, no avançar dá noite e dá madrugada, tudo acalmando-se, as pessoas se retiram, o silencio toma conta e a noite termina.

Termina ali no Bar do Marinho, mas, de todo modo, coisas e acontecimentos onde viram.

Jánga, o Peador, antes de se retirar, pede ao Marinho que traga "o caderno das contas" para acertos; no tal caderno são anotadas todas as entregas de peados que Jánga faz ao Marinho (seu crédito); e todas as bebidas que consome (seu débito).

Após breve conferência, Jánga sai, entra em seu "híbrido" uma carcaça velha de um desbotado buggy amarelo, incrementado com um velho e desgastado motor VW 1300, ano 1968, adaptado "na marra" a velha carcaça.

Arranca a estrepitosa "máquina" e dirige-se a casa nas proximidades dá do Poeto, onde já o aguarda um alentado prato de pirão de água e farinha de mandioca, encimado por postas de tainhas, fritas.

Jánga, antes de ir ao mar, consumia quantidades consideráveis de Contreau (que ele, la no seu linguajar simples, chamava de "Descontrole", mais uísque, cervejas e Campari.

Depois do bar e após, ia a casa comia seu pirão branco (farinha de mandioca e água) ou pirão preto, de feijão e farinha de mandioca e peixes fritos.

Após tudo isso, "puxava um ronco- e só então, deia para a, punha o barco na água e ia, já madrugada, pra peã do "arrastão".

Levava uma sacola plástica, tirava todá a roupa e, enfiava na sacola, evitando que molhasse, e, de pé, junto ao leme, realizava em tiros sucessivos e de orientação variada, o arrasto de rede, capturando e recolhendo tainhas, peadas, camarões e outras espécies.

No dia seguinte, levava a produção ou parte dela, entregando-a ao Marinho, no restaurante, com a devida anotação e respectivo crédito, garantia de retirada de dinheiro, de quando em vez, e a garantia, sagrada garantia, diga-se de passagem, dá liberalidade de consumo das bebidas e deliciosas "tira-gosto" do bar.

Certas, fatos e acontecidos, tem tempo e lugar para se darem, trazem a trava do eterno, mas qual...

...aquelas certezas, aqueles mágicos momentos., aquelas pessoas e ocasiões, foram postas ali pelo insondável das coisas próprias do céu e da terra, e, passado o encanto, vão-se, coisas, lugares, fatos e pessoas, para nunca mais!

A imagem que me vem e dá que tinham, atrás de casa, final de tarde de um domingo qualquer do início dos anos 50, visita de parentes, folguedos próprios da ocasião e do tempo, jogos de bola de pé e de mão, "diabolô" (quem ainda sabe?) enfim, alegria e conagração.

De repente, tarde caindo, sol se indo, nuvens eras e carregadas avançam em direção a , somem as pessoas, a algazarra, tudo; a bola leve, grande e colorido de plástico, o vento, agora mais forte, leva, s afora e mar adentro. Dou-me conta de estar agora sozinho, pequeno demais nos meus 6 ou 7 anos e impotente.

A bola se vai, agora cada vez mais longe, uma sensação de infinito impalpável e ameaçado me invade, corro em buas dos outros, não os vejo, não os encontro, o desespero.

A vida se prefigura assim mesmo, insidiosa, perigosa, surpreendente!

E nosso lar e aconchego e bossa arena e inquietação.

Promessas

Um ser humano que não, e uma promessa!

Vem cheio, carregado de possibilidades, o ser por acontecer e tornar-se pleno.

Mas, não nos esqueçamos, mesmo no mundo das letras jurídicas, promessa e tão somente e apenas uma promessa.

Quer dizer, pode vir a cumprir-se, como pode vir a, circunstancialmente, não!

No mundo e nas coisas dos humanos, esperamos o melhor de tudo o que a promessa sugere, mas, pode acontecer e geralmente acontece mesmo, realidades diversas do esperado.

Tal criança, brilhante desde sempre, acaba, a partir de certo tempo e idade como frustração, total frustração.

Os Desígnios Divinos, por certo insondáveis, não se mostram explícitos e nem estão vazados em manuais.

Desta sorte, vivemos a bater cabeças e a esbarrarmos nos desvios e tortuosas curvas do caminho que a muitos e muitos destroem, deixando-os pelo caminho.

Os excepcionais, os escolhidos por alguns mistérios tribunal, prosseguem, como misteriosos seres que passam pelas chamas ardentes do imprevisto, e do nada, mesmo das cinzas, erguem-se para erigir e confirmar o humano, ainda mais humano.

Impossibilidades

O prazer de se saber e estar plenamente conivente, não importa e nem satisfaz.

O que realmente acontece e que parece, permanece, alegre e entenece

Mas tão logo possa (e logo ali)

retorna e acontece

mas sem passar por nos.

Na rua ampla,

de asfalto negro,

as pistas duplas

de ir e vir,

reluzem, na noite, com aspectos e as aparências que chuva e luzes ousam fazer

e nós

Passantes passageiros de momento

vamos indo e vindo

tirando do momento

pouco mais só de memórias e impressão

que irão

fatalmente

morrer e serem enterradas com os restos e o nada que irá sobrar de nós mesmos.

Colóquio

O pau que não apruma

A medida do meio

a separar brancos e negros

as cervejas geladas

Os tragos quentes das bebidas de alto teor

o rufar agônico dos tambores,

a estridência dos metais,

as cordás, os rumores abafados dos corpos que se colam, o vício, tensões e tenções

tudo concorrendo e incitando os desejos,

as paixões e os pecados.

O moco, ainda novo, solerte, ativo e ocupado de paixão e compaixão

prática e tenta e tenta, aproximar-se dos que se lhes assemelhavam, agem, reconduzem e pacificam.

Agora mesmo e Natal, tempo de vida, morte e ressurreição, amor, bondade e doação.

Nada e ninguém tem muito a dizer ou aconselhar; mas tudo, o que existe, o que vemos e o que só pressentimos, chega, manso, até nos para dizer-nos que tudo, tudo mesmo tem importância, mesmo que relativa, e vem para obrigar-nos na direção do que realmente

importa e faz diferença.

In/Out

Veja as evidências

Atente para os sinais

Que não serão poucos

e adensam-se no trilhar do tempo

Fique esperto

e não transija

não dita

e não tenha medo de abdicar a certos (e muitos) hábitos

e abraça o futuro com confiança.

Afinal, fomos feitos para que?

Outros pensares

No planisfério mistérios das marcas e marcos da meia noite

Infinidade espantosa de movimentos acontece.

Você; o ébrio apagado e disperso

Visita, anda e vara essa mesma noite,

carregando sentimentos insuspeitos no recôndito do peito

e pensa que talvez, quem sabe,

possa ainda,

Alinhar-se aos movimentos silêncio e preciso das esferas,

para alcançar a definitiva paz eterna.

Quem sabe?

Hastings

Veja isto:

Geraldino, conhecido na antiga zona do meretrício de Porto Alegre por Geraldino "Boca de Gamela", descobriu (Oh dor! Oh virtudes""", descobriu, enfim, que sua pobre e prostituição pessoa, tinha, em ascendência, origem em nobre e na oligárquica família inglesa: os Hastings.

Ao saber dar nova e portentosa novidade, Boca de Gamela teve chilique fulminante, indo cair prostrado nas dependências dá alcova real do puteiro, o quarto dá "Rainha Mae", Maria Barbosa.

Assustada, dona Maria correu a ministrar-lhe potente dose de álcool canforado embebido em algodão e aplicado a entrada das narinas do Boca de Gamela.

O Boquinha, tão encolhidinho e tão tadinho, tadinho, deu um corcovo e uma guinchada, semelhante ao emas do planalto, de um mais umas resfolegadas e, feito uma Maria Fumaça das antigas, entro nos trilhos, quer dizer, acordou.

Acordou, arregalando os olhos (azuis, lindos!) e observando a plateia que agora se formara, anunciou:

- "Meninas e rapazes, acabo de saber que sou pertencente por direito de sangue, a nobilíssima Casa do Hastings, nobreza inglesa de centenária tradição, primor dá mais fina e tradicional nobreza inglesa.

Em assim sendo, devo me dirigir a City, apresentar-me aos atuais líderes do clã a que pertença, assumir meu posto nobiliárquico, afastando-me obrigatoriamente do convívio de tão baixa insignificância dá vida desta pocilga aonde vinha infelizmente metido.

Au revoir, só long cacalhada, e até nunca mais!

A Consciência do Mundo

Os Miles e milhões que perecem e desaparecem
são como arquivos que aparentemente se perdem.

A natureza,
feita do jeito que e
não atribui importância.

Bilhões e bilhões de humanos
foram-se deixando de si
nada ou quase nada.

Seus sonhos, projetos e vontades
(que certamente tinham)
foram juntos para a eternidade calada dos tempos.

Talvez tenham ido
na voracidade e extensão infinita do tempo
compor pedaços parciais,
ainda que, de realidade que nem de longe percebamos.

Ainda não temos e nem desenvolvemos capacidades adequadas de acesso ao
entendimento.

Silêncio

A essencialidade mora no silêncio!

E ali, e nele que são feitos e que foram feitos e se concretizaram as melhores coisas dos homens.

Admiramos, maravilharmo-nos, em verdade, com os misteriosos feitos da criação, creditando-os a Deus e, invejosas de tanta beleza, sendo quem somos e detentores das habilidades naturais que temos, pusemo-nos também a criar, ansiosos

não só para copiar, imitando, como também explicar, tentando, os mistérios dão complexa e intrincada coisa do Universo.

No silêncio e exagerada amplitude do Tempo, criaram-se e nasceram as Religiões, todas!

No silêncio essência das alcovas, fez-se o Homem, fez-se a Humanidade.

Daí, desse silêncio obsequioso, fez-se não só o Homem, como, consequentemente, sua obra.

Por princípio Divino, sendo como e, tudo e todas as coisas são Divinas

Inclusive o silêncio, do jeito que nos acolhe e faz pensar.

Bococo

Bococo ou bicho do Milho, morava em Orleans, sul de Santa Catarina.

La para os idos dar Semana Santa, o Bicho do Milho e amigos, juntaram-se e, para aproveitar o Feriadão, foram acampar e pear a beira do rio, no interior do Município.

Além de barraca, utensílios de cozinha, colchonetes e demais apetrechos, não deliraram de levar um garrafão de pinga das boas, natural de alambique dá região e mais uns três ou quatro garrafões de vinho, também produto dá Região Sul de seus vinhedos e cantinas.

Durante os primeiros dias a beira rio, logo na tarde de Sexta-Feira Santa, Bicho do Milho, deu de mão nos seus apetrechos de peã, mais de minhocas, um garrafão de vinho, alguns sanduiches de pão, queijo e mortadela? Avisou a turma que ia a procura de alguns pesqueiros especiais pouco acima, e se foi.

Era já o entardecer dá Sexta-Feira Santa de 2009 e, aproximando-se a noite, suas sombras projetavam-se, desde logo, dos paredões magníficos, assustadores mesmo, dos contrafortes dá Serra do Mar.

Por ali, por aquelas paisagens magnificas, maravilhosas e também milenares e maravilhosas, ocorrem, tempos e tempos, fenômeno atmosférico único e amedrontador: espécie rara de uma explosão do tempo, dá mãe natureza, que se forma, se origina em acumulo de nuvens baixas e negras, sobrecarregadas de energia elétrica e água que, quando explodem, e como se abrissem as comportas do inferno e de la, sob o peso de dez bombas H se desprendessem e se pusessem a rolar carga d'água equivalente a uns 10 dilúvios.

Essa massa monstruosa de água, começa a dar em direção ao litoral, arrastando e matando todo a vida, pelo caminho.

La se vão, rio e correnteza abaixo, bois, vacas, cavalos e gentes, assim como casas e rancharias, embaixo do poder descomunal dão força das águas.

A turma do Bicho do Milho, prevenida pelo estrondo das águas, evadiu-se, indo refugiar-se em local mais alto, carregando consigo os pertences que pudera carregar e salvar.

Quanto ao Bicho do Milho, a rádio de Orleans, poucos dias depois, anunciava o infortúnio e a triste realidade, verificadas pelas turmas de buas e salvamentos:

- nenhum rastro, nem sinal do destino do pobre coitado.

Bicho do Milho, figura popular e folclórica de Orleans, fora-se, no clamor monstruoso dá águas, para nunca mais.

"O Cabaco dá Eugenia"

A Eugenia não frutificou, nunca!

Em juventude, naquele estado de alma e corpo em que todo o seu, sendo jovem, ferve, Eugenia, sim, também fervia, muito, mais do que ninguém.

Mas, era um certo tipo de fervura, sem destinação vulgar, sem ser igual, uma outra coisa.

Aos que a cercavam, amigos e parentes, explicação, nenhuma!

A si mesma, também, e menos ainda!

Talvez, certamente não talvez, o tempo, os modos e as tradições daqueles meados de século, ecoavam e constrangiam tudo.

Eugenia, sempre silente, meiga doce, calada!

O tempo passou, como e imperioso, inevitável, e luzes, novas luzes, não só brilharam melhor, como surtiram efeito de também aquecer corpos, mentes e corações.

Eugenia então, mais velha, profissionalmente realizada como Diretora de renomado colégio de sua cidade, viu chegada instituição, a nova e radiante professorinha.

Como se fosse versão atualizada dá antiga versão dá canção popular, esta agora, Silvia, veio, foi chegando, pondo e disponho fervuras de vulcões no pacífico, adormecido coração de Eugenia.

E aí, como dizem, água de morro abaixo, fogo de morro acima, os corações e as almas de ambas, geografias não de morros, mas de montanhas, verdadeiras serranias, deram de se chocar, produzindo estridências e clamores de bombas e canhoes, em modo e lugar próprios.

Quase sem querer, nada mesmo nem de se falarem, foram, por exigência premente dá necessidade, organizar a velha e abandonado almoxarifado do subsolo do antigo colégio religioso.

Ali então, ao final das tardes, terminado o horário de expediente das aulas, Eugenia e a nova professorinha, entregaram-se, mudas, silentes a princípio, entregaram-se aos primeiros, carinhosos e delicados beijos, depois, num crendo, as explorações pecaminosas dos mútuos encantos.

Eugenia, mesmo que já entrada na meia idade, mantinha intacta as formas, curvas e apetececeres dá juventude, e Silvia, explodindo em beleza e juventude, encontraram-se no momento, no lugar e no clima certo para fazerem aquilo a que vinha e estavam destinadas: sexo, lubrico, desvairado, iconoclastico, mas, de algum ou de todos os modos, divino.

Rompiam-se as barreiras

hipócritas de um passado, irrompiam o gozo e o entendimento das coisas feitas, preparadas para ser o são e devem ser.

A Hora dá Ave Maria

Era lúgubre, soturna, "A hora dá Ave Maria", as 6 dá tarde, dos entardeceres dos anos 50, anos dá minha infância.

Hoje, não mais!

Não só se foram as horas dá Ave Maria, assim como não mais existem os entardeceres e ninguém mais o que e o que e representa a Ave Maria.

Os mistérios dão fé, de santos e santas, anjos e outros entes de luz, foram-se!

Sobrou este mundo onde, depois de milênios e milênios de guerras, sangue e destruição, mais e mais do mesmo, repete-se.

Sem perder totalmente a fé (qualquer uma, de qualquer tipo), parece aconselhável que nos recolhamos a lugares, gentes e práticas que se completem em si mesmo, em práticas que satisfaçam muito a nós mesmos e poucas, pouquíssimas pessoas com quem possamos viver e ter alguma paz.

Embora isso, lembrei-me agora, fiz ontem um depósito bancário de 53 reais em favor dos Médicos sem Fronteiras.

E preciso, necessário, que acreditemos em alguma coisa, pequena que seja.

Minha estada em Paris

Nunca estive em Paris, mas, de graça e ilusoriamente, em sonhos.

Primeiro, mexido pelos filmes dá Nouvelle Vague, nas telas do Cine Opera, cult dá Rua dá Praia dos anos 60 em Porto Alegre.

A vida dos enredos em homens e mulheres, jovens, se relacionavam de maneira libertaria, indo dos beijos e amassos ao sexo, praticado como coisa natural, corriqueira.

Realidade, ah a realidade!

Vinha de supetão e como jato de água fria, tão logo acendiam-se as luzes, acabando com as fáceis ilusões dá sala.

Dá plateia, nossos olhos, extasiados e iludidos, assistiam os jovens atores e atrizes franceses, primeiro mundo, desfilarem ante nossos olhares de terceiros mundistas, carros, apartamentos, hotéis na Riviera, roupas, trajes e modos de vida que, para nós, só nos sonhos ilusórios dás telas de cinema.

Aquilo tudo passou, décadas e décadas rolaram, fazendo de nossos corpos e mentes o que os avanços tecnológicos e todá uma evolução de modos e costumes., costurasse em camisas de forca, tudo o que, um dia, chamávamos "Vanguard".

Vimos, fazemos, passamos e mudámos, como tudo, mas a velocidade do tempo, dás coisas e dos homens, soterrou-nos.

Jean Claude Brialy, Francois Trauffautt, Brigit Bardot, Jean Paul Belmondo, Jeanne Monroe, Alain Delon e tantos outros, vendiam uma Franca como o lugar por excelência dá Cultura, a grande, admirada, respeitável Cultura.

No panteão dá gloria universal, a Franca e Patês, brilhavam, inspiravam (e ainda inspiram) respeito e admiração, mas, algo mudou.

Mudou como hoje temos certeza de que "Velho Mundo" não e, hoje, só epíteto, mas uma outra coisa, diferente.

Vamos gerando aqui, na confusão dás nossas vidas e coisas, modos, artes, expressões que, quando devidamente decantadas e espremidas pelas prensas do tempo, filtradas pelas caldeiras de nossas fornalhas, vão, aos pingos, vagorosamente, revelar outros encantamentos, diversos de tudo o que já tivemos.

Só constringe saber que o processo e logo e provavelmente nem nos aproveite, plenamente.

O Lugar dá Natureza

Ai, onde a Natureza mora

Neste lugar

O verde se faz de folhas, troncos imponentes

Cantos de pássaros,

Logo ao amanhecer

O comedimento próprio

dás coisas prontas em si

Sem pedir ou precisar de nós

Nada belo, harmonioso em paisagem e sonoridade

Longe dos nossos arroubos

Longe das nossas demonstrações de estupidez

E de nossas pretensões.

Nas arvores altas, as mais altas

Empoleiram-se ties, sanhaços e sabias pretos

Eventualmente, gralhas azuis

Em pares ou pequenos bandos

Papagaios, maritacas e tirivas

Fazendo a algazarra

Que só nos

Poucos ainda de nós

Vem ver e apreciar.

A manhã

Ou as manhas dos dias que correm

Esperam-nos

Esperam, na realidade,

Por humanos, outros humanos

Aqueles que já esquecemos de ser.

Ser, to be, not to be

Estar.

O Santo Empoeirado

Papai andava triste,
meio cabisbaixo e envergonhado.

Era por causa de um santo!

Veio tal Santo em sonho!

Pôs-se, o Santo, sentado à beira da cama de papai, choramingando baixinho.

Papai indagou-o, querendo saber por que chorava.

O Santo, parando um pouco o choro, respondeu:

- Tenho crises de pânico, angústias existenciais, miro-me e não me vejo nos espelhos dos humanos, não tenho origem e por isso, nem pai nem mãe e por fim, a mais terrível das angústias, não tenho nem mesmo materialidade.

O que faço, o que devo fazer para deixar de sofrer?

Papai, que de sofre era só o que sabia, respondeu que não sabia

do que fazer, mas, diante da condição miserável e sofredora em que se encontravam, quem sabe não pudessem, talvez, quem sabe, serem amigos, vivendo para servirem, ambos e um ao outro, de abrigo seguro e amparo permanente e de todas as horas.

- Por que não, afinal?

Carta a Deus Ou O Deus do Abandono

O Homem

Ser pretensamente “criado a imagem e a semelhança de Deus”, teve e tem tido tempo e condições de interpretar os mistérios que o cercam e a tudo que pode sensorialmente perceber.

Parecendo coisa elementar e natural, a explicação para tudo que e e acontece, o que inicialmente possa assim parecer, revela-se, aos poucos e em fluida progressão, água

entre dedos, sonhos como promessas certas e alcançáveis de felicidades líquidas e certas, mas, movendo-se em velocidades maliciosas e direções improváveis e surpreendentes, só fazem nos enganar, com sutilezas e escondidas intenções.

Embora tudo isto, forçoso e não surpreendermos- nós e também nos admirarmos com nossa própria capacidade de persistência, admirável, por todos os modos e constância.

No amanhecer, radiante amanhecer, os votos se renovam, casamentos e amores também, fazendo ao curioso observador, só sensação de boa preguiça e contentamento, tudo comedido em citação e paz.

Vórtice

Demos na vida

Como na estrada antiga do " caminho fundo"

O barro, o limo das paredes encharcadas

O piso próprio das coisas velhas

Leva silêncio, prego e solidão.

Cada passo, cada metro de estrada

Poe mais medo, dúvida e confusão.

As coisas antigas estão ali

Distintas, carregadas de sonho e erudição.

Pleno mistério e vontades

Pleno não saber

Incomodo.

O Mal Que Nos Alimenta

O Universo, com tudo que contém e movimento, e, em certa medida, um mal.

Posto assim aos nossos pés, exposto aos nossos sentidos ("nossos sentidos, apenas como modo dos costumes) e um tipo de malfeito certas doenças benéficas,

os ferem de certa maneira, provocando necessárias resistências e inteligentes reações, rindo com comedimento de nossa dependente condição.

No céu, de uma aparente proximidade, vai passando uma lua meio despedaçada, que e, provavelmente, só mais uma dessas provocações e pouco caso que os sistemas e suas engrenagens puserem como galhofa e enraio.

Tivemos tempo, milhares e milhares de anos, séculos e eras, mas, não obstante, estamos elegante e orgulhosamente, na mesma, sem sabermos de nós e para nós, bem pouco.

Na crueza amarga dá realidade, usamos a palavra verdade apenas como brinquedo móvel, um lego, mais afeito ao entendimento das crianças da queda nos, adultos bem formados e cheios de certezas e definitivas verdades.

Fazer o que?

Tudo em diversão e leveza, nada ou quase nada em demasiadas pretensões.

Pequeno Conto

A paisagem desoladora dos terrenos, extensas ondulações de terras quase que nuas, despidas, nuas de vegetações, mostras apenas dá grama baixa, ora fustigada pelos alísios, extremos em profusão e velocidade, vento do desespero, das adivinhações proféticas de tudo o que tem, acontece e preconiza, põe homens e bichos aos embates desesperados, dos lutam e sabem que o que os espreita e provoca são as maledicências encordoadas do mais, posto a serviço das coisas estranhas e insidiosas que mãos, vontades e mentes podem engendrar pra jogar sobre e animais o peso total e terrífico do mal totalizante e aterrador.

Muitos anos, milhares de anos depois, formações estranhas e monumentais de terra e detritos, revelam-se arquivos cruéis e naturais de passados que nem ousamos enfiar e que agora se nos apresentam, como restos e vestígios das coisas que a natureza fez, faz e continuará fazendo, tão apenas para nos dizer;

-Olhem bem, aprendam, cuidem e cuidem-se!

Nunca mais prestou

Nunca mais foi nada.

Era um boi zebu

Que se perdeu dá manada.

Mas, perdido por espaços grandiosos e inclemente

Deu-se de estar só

Sempre só

Para o bom e para o ruim.

Perdido a caminhas por paragens secas e selvagens

Surpreendeu-se e ocasionou pensar!

Pensar as coisas,

pequenas e insignificante coisas que estão perto, tão perto que cegam e nos embaralham a vista.

As coisas que estão longe

mas tão longe que nos confundem mais ainda...

Aprendeu, enfim, a dar pesos e medidas mais conformes com as coisas

Todas as coisas, em si mesmas.

As lições, aprendem-se pelo caminho,

caminhando; tudo o que daí resta

e o ser que se formou

o ser que você é.

(Livre expressão, inspirada no filme "Uma jornada para todá a vida")

Go home!

Va embora, suma daqui!

O mendigo, encolhido na sua cachorrice humana., baixou a cabeça, recolheu seus poucos e miseráveis pertences e se foi.

Forte sensação dos sentidos. Deus só existe para os que vivem.

O Zero e o Hum

Barbosa e Julio Cesar, dois goleiros, duas ocasiões excepcionalíssimas de realização de um sonho de Nação, de realização de um País sonhado, desejado, para ser grande, monumental não só para a concretização e satisfação de nossos sonhos, como também nossa afirmação para o mundo, como grandes, admiráveis, inigualáveis.

Mas, afinal, o que houve, o que aconteceu de verdade?

Houve a maior, a mais monstruosa e flagrante derrocada de um sonho que um povo, um projeto de Nação, possa sofrer e suportar.

Em pleno Maracanã, Barbosa, diante de um público de uns 200 mil espectadores, vê acercar-se de sua meta, o atacante uruguaio Ghiggia e, como numa opera bufo, num monstruoso pesadelo, ele, baixinho, desengonçado e humilhante, desfere um chutinho ridículo, rasteiro mas com destino certo.

O voo de galinha choca de Barbosa, na tentativa de defender e salvar a alma e a vergonha brasileiras, salta e logo aterriza contra o chão duro, agarrando apenas a poeira

agarrando apenas a poeira, sobra de um sonho grandioso, virado em tormentosa realidade.

Aquilo, foi em 1950, mas, não era tudo; era só o prenuncio do que o pior ainda viria.

Este pior, esperou exatos 64 anos para acontecer, no mesmo local, apenas com atores diferentes.

No gol do Brasil, desta vez, não o preto, pobre e infeliz Barbosa, mas o branco, ponta de gala e internacional Julio Cesar; personalidades distintas, mas destinos iguais: o fracasso retumbante, a de situação monstruosa, jogando-os aos dois, tão aparentemente diferentes, jogando-os enfim a lata de lixo dá História.

Dois a um em 1950 e sete a um em 2014, uruguaios e alemães, fazendo-nos amargar o travo insuportável do gosto de fel em nossas bocas, milhões de bocas e de gerações de infelizes.

2 + 7; dá soma, bate em nossas caras um 9, decerto a representar, na numerologia, algum secreto e insuspeito significado que ainda ousamos minimamente entender.

Popularmente, acredita-se que depois das tempestades, advém a bonança.

No nosso caso, no nosso País, a essas duas catástrofes esportivas, sucedem-se, com pavorosa frequência, outras catástrofes, políticas e vergonhosas, ontem e hoje, destinando-nos a carregadores, montanha acima, das pedras de Sisifo.

Deus nos livre!

Amém!

Seguimos vivendo!

Constância, comedimento, extremo das curiosidades e vontade, muita vontade.

Aqui, no recôndito secreto de nossos pensamentos, vamos pondo e dispondo, mediante premências e apertos das necessidades.

Na fila comum dos incautos (sempre o somos) seres, pessoas diversas, nadas e vindas dos mais diversos lugares, erguem os braços, destacam ao ar o indicador, e esperam.

O inquiridor, o algoz de nossas vicissitudes, embora invisível, pesa!

Sob o jugo de tanto peso, carregamos o pesadíssimo fardo inevitável de nossa condição, gememos, rangemos dentes, mas continuamos.

As condições são estas, não há como escapar!

As Coisas Ensinam

Mas, essencial, precisa estar pronto e, mais ainda, ter sensibilidade afinada para perceber e registrar.

Nosso corpo, o corpo humano, pronto, concentra todas as percepções em natural e disponível estado.

E daí que vem, que aparece tudo o que chamamos de "cultural"; e o que produzimos a partir do vazio do nada que nos contém.

Este "nada" e, para dizer o mínimo, intrigante.

E a partir deste imenso e incomensurável nada que tudo se construiu e constroem.

Almejamos pôr a mão, em prece, em súplica, mas também pôr a mão na matéria; líquida, sólida ou gasosa.

Dispomos, trabalhamos, gozamos e a tudo aproveitamos para ter e gozar vida.

E o que é a vida?

Perguntas que não precisam e nem merecem respostas; as respostas, marcos abstratos do próprio e grande mistério, vivem em você.

Cada um que sinta, que explique ou não o que em profundidade sente e intui.

Texto inspirado e concebido do Programa

"Alma em Madeira" com Fernando Barreto no Canal Curta

Campos sagrados

Tanto que nos encontramos

Tanto que conversamos

E discutimos, e debatemos

E de tantos e tantos

esquecemo-nos do mais importante:

- o amor!

-Certo dia (e nem dia era, ainda,
olhando através o vidro baco dá janela do quarto

vi, em demorado, explorado olhar

A res esfoliada do chão de terra,

o revolvido e grelhado chão negro

prepara de esperanças e alimentos.

Ontem,

"à mula da vovó",

mansa, cordata,

deu de olhar-me

assim meio de soslaio

como a querer ou pretender dizer-me.

Nada disse e nem transmitiu...

...e nem precisou.

A andorinha afoita no cair e no louvo dá noite

embateu-se violento contra o fio cobre dá energize

La do alto dá rede elétrica

Veio estatelar-se agônica

aos nossos pês,

frente a casinha branca com faixas verdes, de adornos, graciosos e expressivos.

A andorinha agoniza, expira, morre;

a menininha dá casa antiga de tijolinhos a vista,

aparece, estende o braço, em gesto único

abre a mãozinha e expõe, pequenino, encolhido e acanhado.

Filhote de tatu, o ato todo se completa, se fecha, em aberto e decortado céu do anoitecer, e nos, temendo a tarde, vamos nos recolhendo ao interior e conforto dá casa, chamas do fogão a lenha, bulício dá água pronta a quase ferver,

a cuia, a bomba, a erva mate e o confortável conforto dão vida em resguardo e espera.

"O anfitrião"

Sebastião Rodrigues dá Silva, o Tião, chegou a Rodoviária de Porto Alegre pouco antes das 11h, bem a tempo de receber a cunhada, Alice, vindá de Campo Grande - MS, em visita a irmã, Ada.

Início de abril, trégua no calorão sufocante daquele verão de 2023, Tião tratou logo de pegar as malas de Alice, ajeitá-las no porta-malas do carro e partir em direção a casa de Tião no Bairro Partenon.

Chegados em casa, mal deu tempo das irmãs se abraçarem, cumprimentando-se, retirando-se Adá dizendo-se já atrasada para voltar ao expediente da tarde no trabalho.

Antes de sair, Adá levou Alice até o quarto do casal, uma suíte, entregando a mesma toalha e banho, xampu e sabonete, indicando 'lhe o banheiro, onde poderia tomar um banho e recompor-se da cansativa viagem.

Enquanto Adá despedia-se, dirigindo-se para fora da casa, Tião, meio sonolento, sentado na sala, a tudo assistia e aguardava.

Restaurado o silêncio com a retirada das duas irmãs (uma, a dona da cada de volta ao trabalho, e a outra Adá, retirando-se para dentro do banheiro, para a chuveirada reparativa.

Tião, enquanto esperava, sentado na sala, aproveitou para abrir mais uma "gelada", a terceira desde a estação rodoviária. Nem muito esperou, vislumbrou a cunhada, saída do banho, enrolada apenas na toalha, voltar ao quarto, dirigindo-se a porta entreaberta da comunicação quarto-sala, encostando-a no batente, preservando sua intimidade e o vestir-se.

Tão logo fechou a porta e desvencilhou-se da toalha que envolvia seu corpo, viu a porta do quarto ir-se abrindo com vagar, revelando o cunhado Tião, no ato de entrar com um copo de cerveja em cada mão, oferecendo-lhe o copo da mão esquerdá, enquanto a elencava, envolvendo-a completamente com o braço direita.

Surpresa, impactada pela ousadia da ação de Tião, Alice se perguntou: o que faço?

Antes que pudesse organizar os pensamentos, já havia ingerido, meio que forçada pelo cunhado, a cerveja, sorvendo-a em grandes goles, até o último.

Meio que sentiu uma leve tontura, um repentino desejo devasso, gostoso e perigoso.

Mas, qual! Quando se deu conta, Tião já a estava sufocando com beijo de língua devastador, corpo do homem, esmagando o seu sobre o leito da cama e, sem demora, a sensação maravilhosa de sentir-se penetrada pelo pênis duríssimo de Tião.

Entre isto e o gozo foi vapt-vupt, e um só pensamento:

-Que maravilha, que início de feriado!

"O Desenho dá Solidão"

Avança a madrugada sobre a terra
Os sinais do dos primeiros
aparecem
Homens e mulheres
artistas dá noite
reúnem -se
por vez última, na noite cambiante
deixam fluir
a arte e a expressão de seus viveres.
Na emoção do momento,
Importa o que transgrede,
o que impacta e emociona.
Depositários dá beleza e dá esperança
Sabem
(ou talvez ainda nem saibam)
que a avareza e a crua realidade do tempo,
permita, conceda e faça sorrir
antecipando alegrias
que ele próprio
o tempo
vira cobrar satisfações
nos barulhos e na certeza seca dos dias.

"Abandono"

A pausa curta entre o desvario e o abandono

Acabou por trazer

Estranhamente, diga-se

Um certo alento e consolo.

Outros seres, horas diversas, impactaram,

Trazendo só mais sensações, outras, novas.

Um tal de Josino Ferreira dá Silva, apresentou-se, como único e exclusivo representante dá divindade

E fazendo-se acreditar,

deu de extorquir dinheiros e bens outros dos comuns

(e dos nem tanto);

Locupletou-se, juntou patrimônios, levantou suspeitas e processos judiciais, até que, espremido, sumiu.

Soube-se, posteriormente, que uma bela noite de sexta-feira, fez e postar caminhão de mudança em frente ao prédio em que morava, fez carga de tudo que se continha (moveis, eletros e até portas gavetas e restos de madeiras dos moveis planejados e assim como se fizera milagroso ao surgir, fez-se do mesmo modo ao sumir.

- Tudo milagrosamente!

"O Ser Antigo"

Pendentes, penduricalhos em prata

Envolvendo e contornando um rosto.

Sob simples observação

dava para ver,

Notava-se, do rosto, o desenho estranho, primitivo. Mas de estranha e misteriosa beleza

Muito, muito antiga

ancestral.

Tudo posto assim

no contemporânea chega a assustador.

Técnicos vários de especialidades diversas,

perdidos em incongruências próprias,

vazavam opiniões,

Diversas e sem sentido,

todas no ademais de desinformar do que coisa qualquer.

O velho cocheiro,

com sua charrete de contornos e composição antiga,

sua parelha de cavalos brancos, luzidios

apurada visão dá perfeição,

iam todos,

Charrete, equinos, cocheiro e passageiros,

em visita as clientes r sulfurosas águas dás termas,

em bua de saúde e sonhos de eternidade.

Tudo efêmero, de tempos e gozos velozes, breves, passageiros

Paura (Pao de Mel)

Não tínhamos medo!

Nem os dias, aquele tempo, as pessoas, os acontecidos, as notícias, as verdades e as versões dos fatos, tudo em "fax", quer dizer, bem enfeixado, para que não restassem dúvidas, mas, restando, restando ...bem, restos, apenas restos de fatos que, ainda que históricos, só restos.

O menino, tem idade, infante, lidava e batia cabeça com aquele mundo de monstruosidades: as quatro operações e, nas contas, o que sobrasse, os restos.

...sobravam pequenas moedas metálicas, amarelas, resultado de liga onde certamente predominava o cobre.

Eram os tostões de cruzeiros, espalhados pelo assoalho do ônibus de passageiros, febre e cobiça dá gurizada, certeza e visão dos sorvetes, picolés, balas queimadas e de banana, as cocadas brancas, pretas e amarelas, os sonhos e as delícias que os sonhos sugeriam e as moedas permitiam, mas...os sonhos são do mundo das ilusões e as moedas, dá gaveta de moedas do Cobrador e dos bolsos do patrão.

Mundo paralelo a que ocasionalmente se chocam, produzem tilintar, brilho momentâneo, falantes, excitante.

Oh, tempos, oh, saudades!

(A Coisa Sagrada)

Você não, vive, e presta, em sacrifício e como homenagem, o empréstimo mais valoroso e, mesmo assim, inevitável:

-a morte, o ato de...

Ninguém, ninguém mesmo ou ainda, escapou de tal empréstimo e, de tanto fazê-lo, deveria ter adquirido entendimento, mínimo que fosse.

Um único homem, especial que fosse, escapou, em bora tentasse, ser diferente.

Espadas as crenças religiosas e a fé, obtesto, todo o resto, ficou assim mesmo; na penumbra e longe, muito longe do entendimento dos humanos.

Então, isto e bom ou mal?

Observemos que tudo o que nos foge ao entendimento, aguça-nos a curiosidade, a pesquisa, o esforço pessoal e irrenunciável.

Faz-nos ser o que somos, do jeito que somos.

O Homem Solitário

Através os séculos, as civilizações, todas a seu modo, produziram Arte e Cultura.

Somos herdeiros, destinatários e guardiões do tesouro que al acervo representa.

Entre todos, povos e países, alguns homens, de modo especial, solitários em seus misteres e faina incansável, legaram mais, muito mais, como únicos em seu tempo, permanecendo entre poucos, tempo agora.

Tais seres, únicos, singulares, vierem ao nosso mundo com uma aura, que nos surpreende, encanta, intrigando-nos.

A bem dá realidade, sabemos que há, deve haver alguma coisa, natural, mística, sublime, que é objeto de nosso encantamento e inquietação.

Mas, no desenrolar das coisas e fatos que apareceram para ser do jeito que são, resta nos aceitar; somente aceitar e tirar proveito.

O Imponderável dos Céus

Enquanto os créditos sobem na tela de cinema, a câmera sobe, lentamente, aponta o céu ou mesmo a sucessão deles, sobrepostos.

Os atores, recolhem-se, seguem seus destinos, diversos.

A mágica do cinema ali e depois, ganha o mundo.

As pessoas, de todos os lugares; países, cidades e plateias, esperam, acolhem, aos poucos, as histórias e a magia enlatada.

Depois, mais uma vez, as luzes se apagam, outra pessoas, milhares delas, mundo afora, vão para suas cada, o refúgio confortável de seus leitos, dormem e sonho, assim como sonhassem os sonhos dos sonhos.

E o mundo que sobra, que fica.

Quiz, pensei, sofri, mas me contive

A força dá paixão me empurrava

Não me dava mais a paz

e nem sossego.

Os códigos sociais, as ferradas proibições me impunham sofrimento

Mas a sofreguidão dos processos paixões, dá mente e da criação,

Impunham, empurrava e faziam sofrer.

Neste embate,

Tive que engolir e amassar os desejos imensos do corpo, dá alma do coração.

O tempo passou, e todo o sentimento,

Fruto dá vontade, ficou apenas indico,

Na potência das coisas que são e não amainam.

O tempo, muito tempo passaram

Até que um belo e surpreendente dia

Como que por um milagre

Eu te vi chegar

A porta do meu rancho de peador

A beira dá

Em pé, de costas para a luz forte do sol dá manhã

Figura tênue, diáfana, quase um fantasma.

Me alentei e me movi com vagar

Em rua direção fui ver contigo

E Sem nada dizer

Te abracei,

A princípio com ternura,

Depois,

Com paixão, mais paixão

Até explodir dm beijos caricias e sexo.

Fez-se o milagre, caíram tabus e vedações,

Pudemos nos estender no gozo dá paixão

Na fúria de um amor contido por anos,

Anos e anos de sofrimentos e frustrações.

Eras enfim, finalmente, o objeto vivo, pulsante de todo o amou, carinho e paixão.

Quadrantes

Extensões descomunais

a perder de vista

O mar oceano eterno

Frio

Águas sempre frias, geladas

Os horizontes,

abertos; excessivamente abertos, a leste

onde se acumulam o nada de perder de vista as ondas, repetidas em movimentos frios e repetidos,

e os movimentos ocasionais dos grandes navios,

como fantasmas,

feitos em aço e imensidão

como aliás tudo aqui;

os verdes distantes das montanhas, distantes; terra adentro,

a projetar mais grandeza e impessoalidade

como tudo o que compõe e põe distância, frio e confusos sentimentos.

As horas passam,

como tudo o que se perdeu

como tudo o que prometia

desde o início,

tudo o que impactou, impacta e mata,

na ilusão e na destruição de sonhos

que arrastaram para cá

desde os primeiros tempos

os homens e mulheres dos tempos e das oportunidades, nunca perdidas

A porque em realidade

nunca nadas, em realidade.

"A Prazo Certo"

Dás antigas aulas de Direito Comercial ficou, sobrou no ar um leve perfume, a recordar verões e outonos que há muito se foram.

A impaciência dá idade, o fastio, as sensações de coisas e afazeres inúteis, tenham ido, não!

Tudo se vai e tudo ressurgue na repetição sistemática do tempo, no mover excruciante (?) de suas engrenagens.

Por outro lado (como diria o político, na fuga calculada em meio ao debate, buscando ares e tempo) por outro lado, continuando, em nossa, agora repleta de paz e de ausências, pode se ainda desfrutar de um sol mais ameno, um céu de um brilho mais suportável, mulheres belas (mas não tão jovens) e nem menos alarido de cachorros e crianças.

Chega a notícia das mortes de pessoas que julgávamos imortais, como velho parceiro das mesas de bar, a velha artesã de pulseirinhas de fibras coloridas e ainda com o "Cosa Grande:

com seus discursos políticos inflamados e apressados, compromissado e com agenda lotada de compromissos com alguma autoridade dá importância de um presidente dá República, um ministro, uma autoridade estrangeira, por aí...

Nas voltas que o tempo dá, tudo se repete, pouco se renova, ficam magoas, tristezas, mas algumas alegrias, também!

Pela explicação bíblica, Deus, no ato de criação da Terra, programou-lhe um itinerário, mas, não só.

Programou também, acontecimentos, eventos determinados e específicos e com data para acontecerem.

Por esta visão, tudo o que aconteceu, acontece e virá a acontecer, já foi antecipadamente previsto e programado.

Em assim sendo, razão cabe aqueles que acham que nossos destinos já foram e estão traçados, restando a nós apenas ir cumprindo nosso destino aqui na Terra, nada podendo fazer para mudar aquilo tudo previsto e programado por Deus.

Não seríamos ou não somos donos e nem temos como mudar o que nos acontece, restando-nos baixar a cabeça e aceitar com resignação o Destino que Deus nos reservou.

Se e ruim não termos autonomia sobre o que fazer sobre nosso próprio destino, também nos conformamos a comodidade de ir vivendo e seguindo sob a batista e as ordens Divina.

O senhor, ou o que restara dele, jazia inerte, bem-vestido e apresentável, mais postas em intenção religiosa, faces pétreas, impenetráveis em inexpressividades, pronto, enfim, ao ato final, o desaparecimento eterno.

Sua vida, exemplo de cidadania e realizações no campo econômico, sua empresa construtora e incorporadora tornara-se, depois de anos e anos de lutas e dedicação laboriosa, tornara-se na líder em construções e vendas dá região.

Brasileiro com sobrenome revelador de sua ascendência italiana, era a imagem e identidade perfeita, daqueles que em vida, praticam e expõem aquelas virtudes publicamente recomendadas pelos cânones religiosos dá Santa Madre Igreja Católica.

Os filhos, todos adultos e integrantes do corpo diretivo dá empresa do pai, acompanhavam agora o féretro, passageiro último de carro funerário, pelas ruas centrais dá Cidade, em direção a morada final.

Determinado momento, de exacerbação de sentimentos, um dos filhos, em total de controle das emoções, sentidas e profundas, chorando quase aos gritos, avança sobre o carro fúnebre e por gentios tresloucados, intenciona retirar e por sobre os ombros, o caixão, onde resposta o corpo sem vida do amado pai.

A cena e o ato, lembra, embora inconscientemente, aquela em que Cristo, humilhado e violentado, carrega sua pesada cruz de madeira e direção a Crucificação.

Contido por seus outros irmãos e demais parentes e amigos, o infeliz e abraçado e consolado, tudo apaziguado, seguindo o séquito em direção ao ato final do sepultamento.

Hoje, tantos anos, décadas decorridas, podemos constatar, como são poucas e desesperadoras nossas possibilidades, herdeiros desiludidos de esperanças e anseios que não passam de utopias, ilusões, falsas ilusões, a animar nossos corpos e intelectos, pobres e desemparrados.

"O Bando de Jesus".

O termo * Bando* relacionando a Jesus e falso e intencionalmente provocativo.

Não se tem notícias atualmente não se sabe dar existência de nenhum *homem santo* a vagar por aí acompanhado de apóstolos ou seguidores.

Vê se isto sim milhares milhões de seguidores enfiados em templos não em bua de salvação dá alma e de aprendizado de como ser bom.

Agora horror e resumo de todos os séculos o que se vê e a devoção só dinheiro e ao sucesso para as materialidades dá vida.

Jesus e seus seguidores *Bando" asseclas ou o que for pouco ou nenhum sucesso teria

Sua mensagem pura e filosófica demais nenhuma atenção despertaria nesses atuais cultores não dá coisas e atos benfazejos, mas de cônica inveja e ganância tudo o que Jesus firmemente reprovava nós atoamos e ações daqueles que voluntariamente O seguiam.

Os tempos de ter e praticar o bem passou.

O abismo está aí logo a frente.

Cabe nos encara ló e decidir o que fazer.

Distrito de Deus

A Terra ocupa uma pequena minúscula província distrital no âmbito geral do Universo.

Deus por enquanto e salvo melhor juízo criou (diz lastreados apenas em) todo este Universo.

Não havendo concretude nem boas provas navegamos por estas imensidões lastreado apenas embora não só em nossas religiosas e inquebráveis crenças religiosas.

E mal e ruim?

Nada! Tá tudo muito bem

confortável feliz também ruim (as vezes!)

A beleza determinada tempo

enteneceu-nos impactou-nos cérebros corpos e corações

e mais na fazendo

nós fizemos flutuar então!

Agora a vida volta

há um leve abrandamento

mas também um frear

faces enxugadas

como prantos

e como rios

que se avolumam

mexem destroem

Lá se vão.

Aliás tudo se vai!

O Princípio do Amor

A mocinha

heroína

doce candente

imersa no seu (dela) mundinho

tão longe de tudo e de todos

imaginava quase absolutamente nada.

Isolada nas línguas onde vivia

material pobre a lhe suprir a imaginação.

Vivendo assim tão pouco

Nem mesmo príncipe encantado sonhava.

Então belo dia

chega-lhe o motoqueiro rodante

príncipe estranho que em nenhum de seus sonhos acudiram.

Paixão violenta

enlevo e entrega

heis o princípio inebriante de seus sonhos

sua ventura

e o alimento amargo do resto de seus dias

Dias melhores

Na essência do Mundo no fulgor e na azáfama do viver na procura das conveniências que nós proporcionemos a felicidade vamos instintivamente lutando na medida e na proporção de nossas forças.

Nademos como nademos amparados em mais ou menos capacidades e na medida de nossas forças e inteligências vamos indo.

Diz o popular de que "ode mais chora menos" e assim e.

Todos nademos mais ou menos iguais só que em diferentes momentos e locais.

Assim nademos seja aonde for e em que condições abrimos os olhos mal os abrimos e as duras condições de vida já acontecem.

O que vamos fazer quanto viveremos que sucesso obteremos são todas incógnitas que só o tempo e o fragor dão luta revelará.

Compaixão pouca ou muita sempre teremos, mas serão ocasionais e não nos garantirão a segurança e o acolhimento que buamos.

Já foi dito que as dificuldades terão o condão de abater aos fracos e fortalecer os fortes os melhores preparados.

Dar-se bem vida fácil e prazerosa são desejosas comuns, mas arrancar da vida tais condições e que são elas.

As dificuldades e armadilhas só o viver nos trata e "fortuna" e "lá surte" buena ou mala virão.

Preparemo-nos enriquecendo a couraça!

Pelos bastidores do Universo agora e desde sempre os processos que nós geramos e permitimos que vivamos atua em silêncio sem nos dedicar de emagrecimentos praticamente nada.

Fala-se então.

Fala-se então do Livre Arbítrio isto e a obrigatória necessidade que temos de recobrirmos nós dobrando no processo.

Assim como se dizia cabe, -nos nós seguros do chão puxando os próprios cabelos.

Processo doloroso sofrido historicamente dourado e Ricardo de incertezas.

Tentativas e erros dos como viemos e vamos indo!

Deus ser Evanescer misterioso e inexplicável está (deve estar) está mesmo ou talvez esteja no lugar e na condição de explicar todas as coisas.

Uma bem difícil e explicar como classificar pessoas os seres humanos em sua aparente vasta diversidade.

O ser humano mais simples e destituído de brilho e criatividade iguala-se pela morte ao mais iluminado e genial dos outros e especiais humanos.

Dizer (como diz a Religião) que todos são iguais perante o Criador xequer por Ele serão recebidos em igualdade de condições e valoração e temerário! Como temerária e a ideia dá existência de um único e extraordinário criador

Tudo se insere afinal dentas no rol vastíssimo das "incertezas dá dúvida" termo introduzido e dá lavra genial de um Millôr Fernandes.

Seres vivos

de que espécie forem

Animal ou vegetal

São caprichos misteriosos

dá própria essência.

Postos a existirem

traçam e desenvolvem caminhos

díficeis ou impossíveis a apreensão e entendimento humano.

O ser (vegetal ou animal,) não cumpre seu necessário e obrigatório recesso de vida

depois morre deixa dependentes (ou não)

e lá se vai para "o Reino do Nunca Mais".

Nosótroz os sobreviventes continuamos

como se nada ou quase nada houvesse ocorrido.

Camperiadá

Andei perseguindo a liberdade desde cedo.
Ao atravessar o Mampituba pela primeira vez
Sentir já do outro lado
o bento frio do grande Pampa
Senti não sem muita emoção
O toque irrefreável
Dos velhos e grandes sonhos de Liberdade.
Seja na Velha Franca de Dánton
seja na tapera bucólica dos confins do Pampa
o sentimento e a bondade são os mesmos
Liberdade.
Desejos compulsivos
Satisfações extremadas
Meteu se a mexer com coisas estranhas
Pleno de certezas definitivas
E quando deu se conta
Tinha escorregado para o miolo do incompreensiva.
Posto inevitavelmente a margem
Chorou as lágrimas dá desilusão
E conformado, mas também surpreso
Pode ver o fruto do inesperado
Brilhar no céu infinito das possibilidades insuspeitas.